



TCC/UNICAMP

J968c

3553 FEF/1281

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

LARISSA LEONE JUNQUEIRA

CORPO E MITOLOGIA GREGA

Campinas
2007



Larissa Leone Junqueira

CORPO E MITOLOGIA GREGA

Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) apresentado à Faculdade de
Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do
título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Odilon José Roble

Campinas
2007

CONFERIDO

BRUNO DE SI 12/08

J968c

ANDRÉIA DA SILVA MANZATO
Bibliotecária - CRB 7292
FEF/UNICAMP - Matr. 28703-6

UNIDADE	FEF/1281
N.º CHAMADA:	FEF/UNICAMP
	J968c
V.	Ex.
TOMBO BC/	3553
PROC	
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	11/04/2008
N.º CPD	431174

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA FEF – UNICAMP

J968c

Junqueira, Larissa Leone.

Corpo e mitologia grega / Larissa Leone Junqueira. – Campinas, SP:
[s.n.], 2007.

Orientador(a): Odilon José Roble.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Faculdade de
Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Educação Física. 2. Corpo. 3. Mitologia grega. I. Roble, Odilon
José. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação
Física. III. Título.

asm/fef

Larissa Leone Junqueira

CORPO E MITOLOGIA GREGA

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) defendido por Larissa Leone Junqueira e aprovado pela Comissão julgadora em: 26/11/2007.

Campinas
2007

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que passaram e fizeram parte da minha vida, a todos que fazem e a todos que um dia terão seus caminhos cruzados com o meu.

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço a minha família, em especial meus pais pelo amor, carinho, respeito, dedicação, incentivo, conselhos e por alguns puxões de orelha. Agradeço por respeitarem minhas idéias, ideais e diferenças.

Em segundo, agradeço a todos meus amigos e amigas. Começando pelos que fazem parte da minha vida desde infância, depois pelos que encontrei na adolescência e por fim aos que são e serão meus amigos de faculdade e de profissão.

Em particular, gostaria de agradecer a uma pessoa muito especial e que por muitos anos se fez presente em minha vida, assim sendo, agradeço ao Didi por ter me orientado no decorrer deste trabalho e por ter proporcionado tantas experiências ao longo de mais de 14 anos.

Amo muito todos vocês.

E por último agradeço ao professor Lino Castellani por ter aceitado fazer parte da minha banca examinadora.

Obrigada a todos.

JUNQUEIRA, Larissa. **Corpo e Mitologia Grega**. 2007. 60f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

RESUMO

No presente trabalho faço algumas reflexões acerca do corpo a partir de personagens do universo da Mitologia Grega. Tendo como ponto de partida alguns mitos da mitologia apresentada como: Gaia e Urano, Zeus, Pandora, Ulisses e Dioniso, foi feito um estudo cauteloso da história desses deuses e homens para poder traçar um eixo norteador que nos auxilie a compreender a visão de corpo na atualidade e dentro do universo da Educação Física. A partir dessa inter-relação corpo/ Mitologia Grega, discuto temas referentes à sexualidade, à violência, à beleza, à linguagem e o êxtase.

Palavras-Chaves: Mitologia Grega; Corpo; Educação Física

JUNQUEIRA, Larissa. **Body and Greek Mithology**. 2007. 60f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

ABSTRACT

In this work I make some reflections about the body based on Greek Mithology characters; like Gaia and Uranus, Zeus, Pandora, Ulysses and Dionysus. We have deeply studied goddess and men histories in order to trace a straight line to help us understanding to see the body in the modern times and in the Physical Education universe. Since the inter-relation body/Greek Mithology I discuss themes like sexuality, violence, beauty, language and extasis.

Keywords: Greek Mithology; body; Physical Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Árvore Genealógica	14
Figura 2 -	Gaia - www.brasilecola.com 20/11/2007	15
Figura 3 -	Urano e Crono www.astro.sag.usp.br	16
Figura 4 -	Árvore Genealógica	17
Figura 5 -	Crono www.brasilecola.com 20/11/2007	18
Figura 6 -	Árvore Genealógica	19
Figura 7 -	Zeus - http:// em.wikipedia.org 20/11/2007	21
Figura 8 -	Pandora www.liverpoolmuseuns.org.uk	28
Figura 9 -	Prometeu - http:// em.wikipedia.org 20/11/2007	30
Figura 10 -	Afrodite – www.fracom.ufba.br 20/11/2007	31
Figura 11 -	Ulisses - http:// em.wikipedia.org 20/11/2007	33
Figura 12 -	Zeus e Europa - http:// em.wikipedia.org 20/11/2007	36
Figura 13-	Dioniso – members.tripod.com 20/11/2007	38

SUMÁRIO

Introdução	9
Capítulo I: Cosmogonia e Teogonia.....	13
1.1 Gênese.....	13
1.2 Primeira Geração.....	14
1.3 Segunda Geração.....	17
1.4 Terceira Geração.....	19
1.5 Homens.....	23
Capítulo II: Gaia e Urano; sexualidade e prazer.....	39
Capítulo III: Zeus; poder e violência bruta.....	44
Capítulo IV: Pandora; beleza e sedução.....	48
Capítulo V: Ulisses; tempo e linguagem.....	51
Capítulo VI: Dioniso; pitoresco e êxtase.....	54
Considerações Finais	57
Referências Bibliográficas	58

Introdução

No presente trabalho, proponho desenvolver algumas reflexões acerca do corpo a partir de personagens do universo da Mitologia Grega. Mas antes de iniciarmos, introduzirei algumas discussões referentes à temática para que haja uma melhor compreensão.

Diante desse processo será de grande valia discorrer a respeito do conceito de mito. O mito é uma narrativa, um discurso, uma fala relacionada a uma dada cultura ou religião que pode ter um caráter explicativo ou ser simplesmente de natureza simbólica.

Nesse sentido, o mito é uma "forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações." (ROCHA, 2006, p.7)

O mito procura fazer uma reflexão, dar uma explicação sobre a existência da vida (cosmos, astros, animais, plantas, raças), seus principais acontecimentos (relações sociais, guerras, relações de poder, etc) e fenômenos naturais (água, fogo, ar, terra), enfim tenta explicar a origem do mundo e do Homem. Podemos dizer que o mito é uma tentativa de explicar a realidade, ou seja, ele tem o papel de atribuir sentido ao mundo e a vida, com a finalidade de acomodar o homem.

Dentro desse contexto, podemos dizer que os mitos são histórias baseadas em crenças, tradições, fábulas e lendas que possuem um caráter incontestável e inquestionável e que são transmitidos oralmente de geração em geração.

Todavia, a maioria dos mitos, se pautam na utilização de uma força de natureza sobrenatural, divina, que conta com a presença de deuses, semi-deuses e heróis.

[...] o mito conta uma história sagrada; ele retrata um acontecimento ocorrido do tempo primordial, o tempo fabuloso do "princípio". Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento; uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma "criação": ele relata de que modo algo foi produzido e começou a *ser*. O mito fala apenas do que *realmente* ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo

prestigioso dos "primórdios". (ELIADE, 2006, P.11)

Segundo Chauí (2005, p.36), é através de lutas, alianças e de relações sexuais, ocorridas entre esses seres sobrenaturais, que o mito se baseia para narrar a origem das coisas. Assim sendo, as narrativas sobre a origem, o nascimento, do mundo a partir de forças geradoras divinas são denominadas cosmogonias. Já as que relatam a origem dos deuses são chamadas teogonias. E ambas servem de alicerces para a mitologia grega.

Em cima dessa visão, a mitologia grega se caracteriza como sendo um conjunto de mitos, ou seja, de relatos míticos, que segundo Vernant (2000), não são apenas textos poéticos, fixados em uma forma definitiva, mas sim, relatos que permitem ao narrador se utilizar de uma extensa gama de variantes e versões, sendo possível contar, acrescentar e modificar aquilo que lhe parecer conveniente.

Portanto, a questão mitológica pode dar abertura para diversas interpretações pois estabelece modelos exemplares de todas as funções e atividades humanas. Isso porque, muitos dos deuses e heróis retratados nas narrativas possuem características físicas semelhantes às humanas. No entanto, os primeiros, se diferenciam por serem seres imortais e os demais, por serem dotados de méritos. Tanto os deuses quanto os heróis são dotados de uma beleza esplendorosa e uma força descomunal.

O universo da mitologia grega é fascinante por sua riqueza de significações e complexidade, constituídas por meio da aproximação entre corpo e natureza. Ou seja, ao mesmo tempo em que os deuses possuem um corpo humano, eles representam estruturas físicas e celestes da natureza (terra, céu, montanha, oceano, dia, noite, sol, lua, etc) como também, sentimentos, emoções e qualidades dadas aos humanos (amor, ódio, poder, violência, astúcia, beleza etc). Corpo e natureza atuam como determinantes, tanto pelo poder da ambigüidade quanto pela versatilidade que possuem.

Dentro desse universo, as relações que se dão, envolvendo essa ambigüidade e versatilidade são responsáveis pelo desencadeamento de diversas atitudes e acontecimentos que dão continuidade a uma série de mitos, que serão contados no primeiro capítulo deste trabalho.

Em suma, podemos notar que o papel do corpo é central na mitologia, seja nas ações dos heróis ou nos diversos aspectos de transformação apresentados. Todo o cosmos age como um organismo vivo e, assim, sincroniza-se com o corpo. O papel da natureza é muito importante e também notamos que esta natureza está profundamente intrincada com a cultura grega, de modo

a constituir uma unidade. Tal panorama é bastante interessante para uma abordagem em Educação Física.

Os estudos recentes da área têm se preocupado com a cultura de modos diversos. Uma das formas de se pensar o papel da cultura e sua relação com a natureza é observar e estudar civilizações nas quais houve grande entrelaçamento destes universos. A cultura grega primitiva, por meio de seus mitos é, assim, uma fonte bastante vasta e profícua para uma abordagem deste tipo. Poucos estudos ainda se atentaram para este referencial, mas de um modo ou de outro, o olhar para as potencialidades do mito tem se tornado mais presente em nossa sociedade e talvez seja de grande proveito também para a Educação Física uma aproximação deste enfoque.

Para esse enfoque, podemos partir da idéia de que o "corpo faz parte de um sistema simbólico que sustenta toda a ordem social" (SANTIN, 1995, p.41). Assim sendo, o corpo não é uma construção individual de cada um, mas um apanhado, uma soma de experiências, sensações, emoções, pensamentos e ações. Enfim, um conjunto de relações, valores e perspectivas de um coletivo, comuns da vida em sociedade como um todo, que se manifestam e se transmitem de formas diferenciadas no tempo e no espaço.

Assim, a concepção de corpo é resultante de processos históricos, que para tanto, sofre modificações e ajustes devido aos condicionamentos culturais e/ou por determinados contextos sociais. Ou seja, tais fatores influenciam na forma de pensar, de agir e de sentir do corpo e no corpo propriamente dito.

Portanto, a Educação Física pode se valer desse contexto para entender e discutir a realidade, buscando se atentar no processo transformador desta por meio de questões que permitam um posicionamento crítico na formação do homem como um ser integral, deixando de lado o enfoque biológico do corpo como um instrumento reprodutor de movimentos voltado para tendências tecnicistas, militaristas e higienistas.

Contudo, o tema proposto não foi só escolhido devido à sua relevância e fascinação, mas porque pode nos levar a uma nova perspectiva de enxergar a Educação Física por meio de uma reflexão filosófica que nos remeta a questões de caráter antropológico, ampliando a visão e o papel do corpo dentro desta área.

Para a realização desse trabalho foi adotada a revisão bibliográfica como metodologia. Devido à existência de uma vasta literatura sobre a temática Mitologia Grega, e por suas diferentes versões, serão utilizadas como base as palavras de Jean-Pierre Vernant, pois a forma como o

autor aborda e reflete esta temática, é possível tecer relações acerca do corpo vinculado às experiências cuja Educação Física engloba. A partir de seu relato mítico acerca da cosmogonia e teogonia serão desenroladas as reflexões referentes ao corpo.

Capítulo I: Cosmogonia e Teogonia

Depois desse capítulo introdutório, creio que um bom ponto de partida seria iniciar o percurso introduzindo o contexto da maneira mais linear o possível.

Nesse sentido, proponho fazer uma breve exposição sobre o universo da mitologia grega através de sua origem e de seus respectivos mitos e deuses com o intuito de localizá-los nessa temática

1.1 Gênesis

O surgimento do universo, a Cosmogonia, se deu a partir de três entidades primordiais. A primeira, que deu origem a tudo, foi Abismo ou Kháos (Caos) que se caracteriza como sendo um vazio escuro, sem chão, sem fundo, sem fim, um espaço ilimitado e indefinido que causa vertigem e confusão, onde nada é distinguido.

Do próprio Caos surgiu Terra ou Gaia (Gaia) que tanto se lança para o alto, às montanhas quanto desce às profundezas, representando seu contrário. Ela possui uma forma distinta e precisa que se caracteriza de maneira nítida, firme e estável. Tudo nela é sólido e visível. Gaia é a Mãe-Terra, a mãe universal que nada mais é que o chão do mundo, a morada dos bichos, dos homens e dos deuses.

Em terceiro lugar aparece Éros que expressa um impulso no universo. Ele é o Amor primordial pois surge antes da existência dos amores sexuais, ou seja, apresenta grande relevância por ter sido responsável pela concepção do Céu (Urano), Onda do Mar (Ponto) e Montes (Montanhas) pela Terra, sem nenhuma união sexual. E também de Caos dar origem a Érebo (Érebus) e Noite (Nýx).

Como disse, Terra dá à luz, sem unir-se a ninguém, a uma personagem muito importante que é Urano. Ele é uma réplica sólida e de mesmo tamanho que sua mãe e que juntos constituem dois planos sobrepostos do universo que se cobrem completamente.

Já Ponto, Onda do Mar, representa seu contrário pois é líquido, pura fluidez disforme, as

quais suas águas se misturam indistintamente limitando a Terra. Devido as suas características, Ponto é marcado com uma superfície luminosa e suas profundezas de total escuridão.

Por outro lado, Caos gera Érebo que personifica as trevas. Representa a escuridão total e definitiva. Ele é o negro absoluto, a força em estado bruto sem se misturar a nada. Porém Nýx invoca o dia. E assim como Gaia, a partir de si mesma, gera Éter, Luz Etérea e Heméra, Dia, Luz do Dia.

A primeira personifica a luz celeste, brilhante, pura e constante. É a parte do céu onde nunca há escuridão, é a luminosidade absoluta que pertencerá aos deuses do Olimpo. A outra, Dia, como o próprio nome diz, personifica a luz do dia.

Resumidamente, o Érebo é a noite constante que pertence ao Tártaro, mundo subterrâneo onde ficarão trancados os deuses vencidos e os mortos. E Noite, que gera Éter e Dia, a qual mantém uma alternância, opondo-se para os seres que habitarão a terra.

Diante dessa Cosmogonia apresentada, podemos notar a forte presença da natureza no contexto da Mitologia Grega e a importância desse primeiro relato mítico reforça o caráter explicativo referente à origem de algumas estruturas que nos cerca para que, de certa forma, nos conforte e nos de uma segurança de se ter uma resposta. Assim sendo, cada uma dessas entidades tem o seu lugar e a sua função dentro do universo.

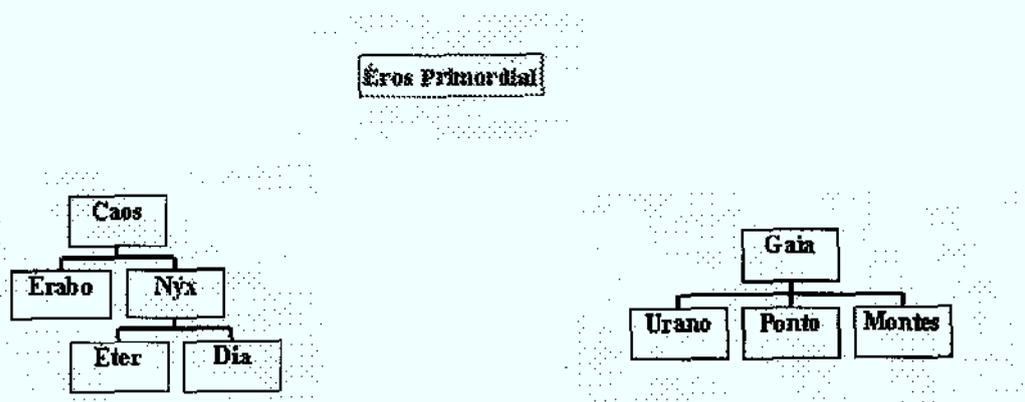


Figura 1. Árvore Genealógica

1.2 Primeira Geração

A partir do surgimento de Urano acontece a primeira união sexual que dá início a primeira geração de deuses. Isso se deu pelo fato de Urano representar um macho, ou seja, o contrário de Gaia. Assim, acontece a união e muitos filhos são gerados. Nesse ponto da narrativa fica explícito como o mito se baseia em uma relação sexual proveniente da união entre duas forças divinas.

Essa união entre Gaia e Urano será melhor contextualizada através de um capítulo específico, que será responsável por uma reflexão acerca do corpo partindo-se da sexualidade e conseqüentemente da relação existente entre prazer e poder.

Primeiro Gaia gera os seis Titãs: Oceano, Ceos, Crio, Hipérion, Jápeto e o caçula Crono. Depois as seis Titânidas: Téia, Réia (Rea), Têmis, Mnemósine (Memória), Febe e Tétis. Além de dois trios de seres absolutamente monstruosos, os Ciclopes: Brontes, Estéropes e Argeu e os Cem-Braços: Coto, Briareu e Gies.

Porém, Urano está deitado, estendido sobre a Terra, cobrindo-a e sufocando-a completamente, não permitindo que esses filhos saiam de seu ventre e se tornem seres individualizados. Eles se encontram em um coito permanente, o céu por cima e a terra deitada, como dois corpos estendidos um sobre o outro.

Essa situação acaba se tornando cada vez mais desconfortável para Gaia, pois a deixa inchada com tantos seres retidos dentro de si. Gaia então, furiosa, articula um plano para que Urano se distancie dela. Para tal, solicita ajuda dos próprios filhos Titãs. Todos ficam aterrorizados ao ouvir a mãe, mas só o caçula se oferece para enfrentar o pai.



Figura 2. Gaia

Então, Gaia fabrica dentro de si mesma uma foice em metal branco e dá ao jovem filho.

Como em uma emboscada, Crono, espera que a oportunidade chegue. Quando surge, agarra as partes sexuais de Urano e com um golpe certo corta-as e as atira nas ondas do mar. Nesse momento é clara a ambigüidade que existe entre as entidades. A natureza e o corpo representados pela figura do céu, que por sua vez personifica um homem com seu órgão sexual castrado.

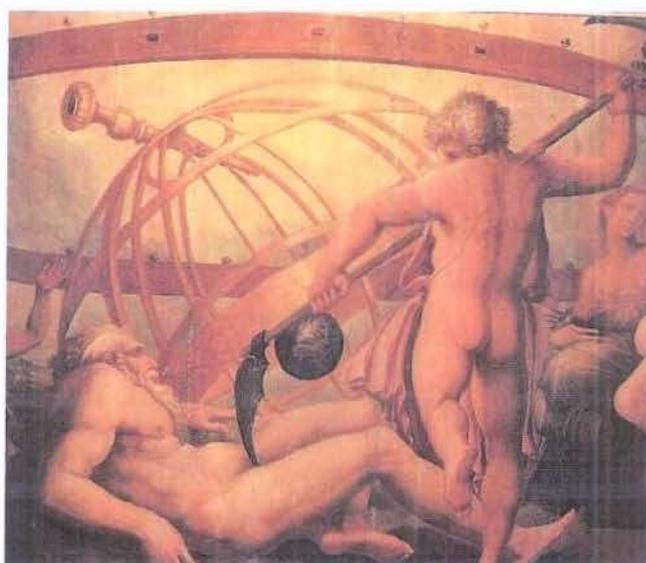


Figura 3. Urano e Crono

No ato, deixa cair sobre a terra gotas de sangue que dão origem a seres guerreiros que são as Erínias, aos Gigantes e as Melíadas. As primeiras são divindades vingativas, representam o ódio e guardam consigo a recordação da afronta feita por um parente a outro a fim de fazê-lo pagar pelo seu crime. Já os Gigantes, nascem adultos e apresentam-se com a aparência de jovens guerreiros dedicados à luta, com gosto pela batalha mortal que encarnam a guerra e os combates e personificam a violência bélica. As últimas, também chamadas de Ninfas dos Freixos, são guerreiras com vocação para o massacre.

Em outras palavras, podemos dizer que Urano fica furioso por ter sido coagido a parar de fazer aquilo que mais gostava, que era a sua função e que lhe proporcionava uma intensa sensação de prazer por meio de um ato violento, que por consequência resulta em seres com tais características.

E do órgão jogado nas ondas marinhas, nascida da espuma do mar e do esperma de Urano, que surge Afrodite, deusa do amor, da sedução e da beleza. Dela, originam Éros (Amor), que agora

Urano, que surge Afrodite, deusa do amor, da sedução e da beleza. Dela, originam Éros (Amor), que agora terá o papel de unir seres individualizados e de sexos diferentes e Éris (Desejo), que representa a discórdia e a briga dentro de uma mesma família. Mais uma vez, notamos que os mitos cumprem a função de explicar a origem das coisas. Nesse caso, por dois sentimentos abstratos que são representados por essas duas personagens.

No momento em que é castrado, Urano dá um grito de dor e se distancia de Gaia. A partir de então, cumpre-se o nascimento do cosmo. Céu e terra se separam e inicia-se a sucessão de gerações e a alternância do dia e da noite.

Além de gerar filhos com Urano, Gaia também mantém relações com o outro filho, Ponto, dando origem a Nereu e a outros seres que se caracterizam pela fluidez.

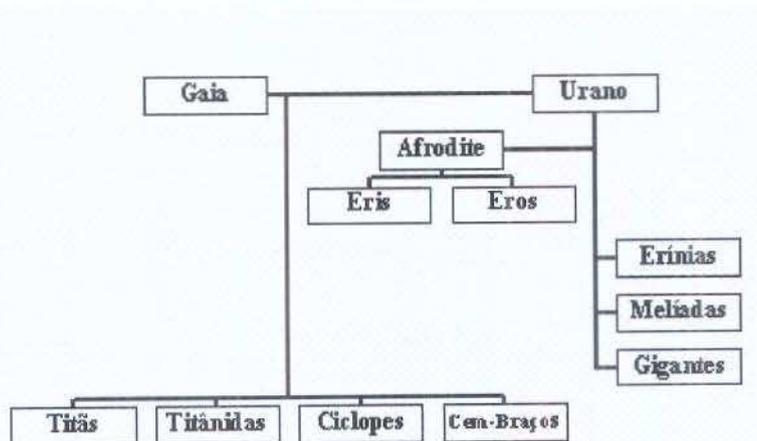


Figura 4. Árvore Genealógica

1.3 Segunda Geração

Após a castração de Urano, as divindades se instalam bem no alto, sobre as montanhas da terra, ou seja, o céu etéreo se torna a morada estável dos deuses.

E à frente destas divindades está aquele que cometeu uma afronta contra o próprio pai, Crono, deus da astúcia, dos pensamentos marotos, da mentira e da duplicidade que acaba se tornando o primeiro soberano do mundo, almejando sê-lo eternamente.

Para tanto, põem-se ao seu lado os Titãs e as Titânidas. Já seus outros irmãos, os

algo contra sua supremacia.

Crono se une a uma Titânida em particular, Rea. Com ela tem a segunda geração de seres individualizados. No entanto, é aconselhado pela mãe, Gaia, possuidora de dons oculares que prevêm o futuro, que poderá vir a ser vítima de sua própria prole, assim como acontecera com seu pai.

Devido ao temor de ser destronado, Crono acaba engolindo todos os seus filhos logo depois de nascerem, prendendo-os em seu próprio ventre. Crono, assim como seu pai, Urano, nega a paternidade, pois isso pode levar a uma possível sucessão por um de seus filhos que ocupará o seu lugar e conseqüentemente o poder.



Figura 5. Crono

Rea não satisfeita com o comportamento de seu esposo e, novamente a conselho de Gaia, planeja uma artimanha, ou seja, uma mentira. Em Creta, escondida de Crono, dá a luz a seu filho caçula, Zeus. Entrega-o aos cuidados de seres divinos denominados Náíadas. No lugar do filho apresenta uma pedra envolta de panos ao pai. Este, sem muito titubear, a engole depressa.

Os Náíadas, com a ajuda dos Curetas, que são divindades masculinas, criam Zeus dentro de uma gruta com o intuito de não atrair a desconfiança do pai. Assim, Zeus chega à plena maturidade, forte e quer que Crono pague pelos seus crimes cometidos contra Urano e contra seus próprios filhos.

Graças à astúcia, a chamada mêtis, que nada mais é que uma forma de inteligência que

Graças à astúcia, a chamada mêtis, que nada mais é que uma forma de inteligência que combina procedimentos dos mais variados para enganar uma pessoa, Zeus fabrica um fármakon, um remédio que fará com que Crono vomite todos os filhos que havia engolido.

Para executar o plano Zeus tem ajuda da própria mãe Rea. Ela é quem oferece o remédio a Crono que, bebendo-o, mal o engole e começa a vomitar. Começa pondo para fora a pedra que acreditou ser seu filho, e sucessivamente todos os demais que engolira: Posêidon, Hades, Deméter, Hera, até chegar à primeira, Héstia, deusa do lar.

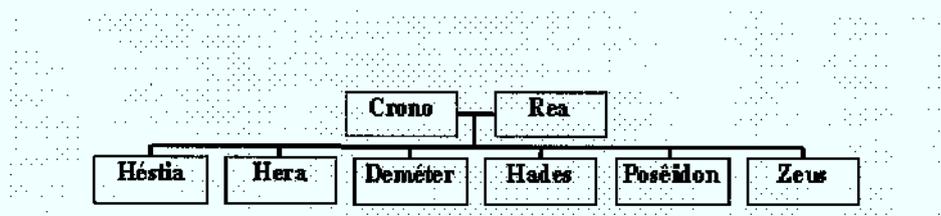


Figura 6. Árvore Genealógica

1.4 Terceira Geração

Essa atitude de Zeus desencadeia uma grande disputa pela soberania. É uma espécie de guerra dos deuses que dura muitos e muitos anos. De um lado dos combates encontra-se Zeus e seus aliados, os Cronidas, que são deuses do Olimpo, e do outro Crono e os Titãs.

Porém, para vencer esta batalha um forte determinante será necessário, a astúcia, a mêtis. Ou seja, só a força bruta e a violência não são suficientes para garantir a vitória.

Neste contexto uma personagem, que interferirá outras vezes na narrativa, aparece e une-se a Zeus dando-lhe a mêtis que precisa, a qual possibilitará tramar de antemão os acontecimentos para que se desenrolem conforme o planejado. Esta divindade é Prometeu, filho de Jápeto, um Titã.

Zeus, a conselho de Gaia, também terá de se unir aos Ciclopes e aos Cem-Braços, tirando-os da prisão noturna e escura onde Crono os escondeu. Estas divindades monstruosas incorporam forças da brutalidade violenta e da desordem, além da capacidade de domar o adversário. Diante dessa cena podemos perceber que a questão que permeia todas as ações de Zeus referem-se à imposição de um corpo frente à outro.

Os Ciclopes possuem um só olho no meio da testa e representam a fulgênciã e a força mágica da visão. Este único olho é fulminante e aniquilador como o fogo. É através dele que os Ciclopes fabricam o raio, um feixe condensado de luz e fogo, incrivelmente poderoso e ativo que é doado a Zeus com a finalidade de aniquilar seus adversários.

Por outro lado, os Cem-Braços são seres gigantes com cinquenta cabeças e cem braços, cada qual dotado de uma força descomunal e invencível. Eles representam a força brutal, a capacidade de vencer, de triunfar pela força física do braço. Os Cem-Braços usam o próprio corpo como arma e forma de violência e dominação.

Assim, Zeus lhes devolve a liberdade de movimento e dá, também, a garantia de que se combaterem Crono ao seu lado terão direito ao alimento da imortalidade, ou seja, o néctar e a ambrósia que são privilégios dos deuses. Este alimento é absorvido pelos deuses e lhes dá vitalidade interior para que suas forças jamais se esgotem a fim de desconhecem o cansaço. Ou seja, os deuses não possuem um corpo sujeito à fadiga, ao desgaste físico como o dos homens, que precisa de energia, de descanso e que, mesmo assim, sofre com a ação do tempo, envelhecendo e perdendo sua força e vitalidade.

Além desses seres monstruosos, Zeus, contou com outras adesões titanescas no decorrer da batalha. Uma muito importante foi a da deusa Estige e de seus dois filhos. Estige é a filha mais velha de Oceano e representa as águas de um rio infernal. Este tem o poder de fulminar o mortal que beber sua água. Seu filho Krátos personifica o poder da soberania universal, de dominação, de subjulgar e de se impor frente aos adversários. Já Bie representa a violência brutal que se opõe à astúcia da qual todo soberano dispõe. Ambos acompanham Zeus, um do seu lado direito e o outro à sua esquerda.

Apesar de Zeus ser considerado o soberano mais ponderado, ele utilizará o poder e a violência para manter a sua vontade e soberania perante todos, como foi descrito estão sempre ao seu lado. Por este motivo, Zeus será foco de um outro capítulo que discutirá o corpo a partir da utilização da força, ou seja, da violência como forma de dominação.

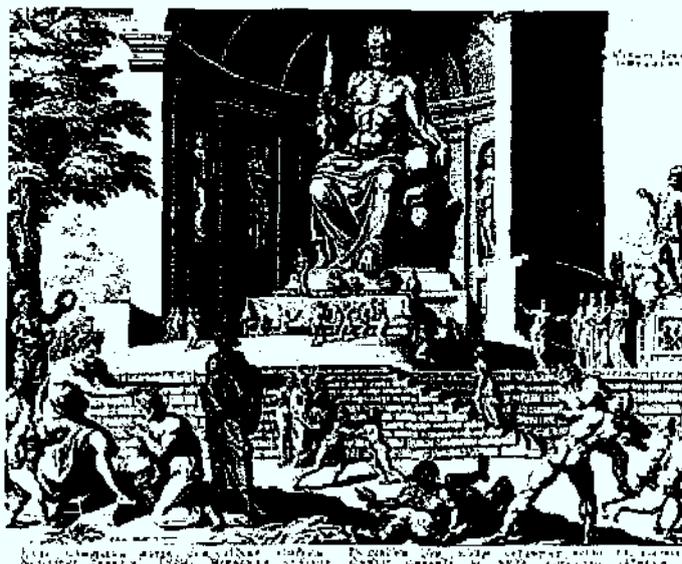


Figura 7. Zeus

Através da intervenção destes aliados e com o poder do raio, Zeus vence a batalha que, durante certo momento, fez com que o mundo retornasse ao estado de Caos, da desordem original, para ser recriado e refeito com a finalidade de ordená-lo novamente.

Após a derrota, os Titãs, que são seres imortais, são destinados ao Tártaro. E para mantê-los presos, Zeus destina os Cem-Braços para serem os guardiões. Além disso, Posêidon, irmão de Zeus, deus que reina sobre as ondas marinhas, constrói uma tripla muralha de bronze que estreita e dificulta a passagem para esse mundo infernal.

Assim, Zeus é dado como o primeiro rei do universo pelos deuses do Olimpo, ou seja, seus irmãos e irmãs que o escolheram como soberano.

Torna-se um rei mais comedido e equilibrado, instituindo um universo divino, ordenado e hierarquizado, distribuindo com justiça as honrarias que cada deus merece. Mantendo os privilégios que alguns tinham antes de assumir o poder, até para aqueles que não se aliassem a nenhum dos lados, como foi o caso do deus Oceano, que é um Titã e da deusa Hécate, Lua, que é filha de um Titã. Essa representa uma forma de jogo, de acaso, podendo favorecer ou prejudicar alguém, concedendo felicidade ou infelicidade. Ela encarna um elemento de gratuidade no mundo divino, onde introduz o aleatório.

Passa-se o tempo. Zeus casa-se. Sua primeira esposa chama-se Métis. Ela personifica a inteligência astuta e tem o poder de se metamorfosear. Zeus casa-se com ela especialmente porque

E através de uma artimanha e de sua mêtis (astúcia), ele a absorve e a engole grávida de Atena. A partir desse ato, Zeus torna-se Metiôeis, ou seja, feito inteiramente de Mêtis. Desta forma, ninguém mais o surpreenderá, pois é a Prudência em pessoa.

E a criança que estava no ventre da mãe acaba saindo, vindo ao mundo, da cabeça do pai. Atena, ao nascer, sai toda armada. Ela é a deusa inventiva, da guerra e da inteligência e também cheia de astúcia.

O cenário estava estável. A guerra dos deuses havia terminado e o mundo parecia estar ordenado. Mas neste momento Gaia, sob o impulso de “Afrodite de Ouro”, se une a Tártaro, personagem oposto a Urano, pois representa o subterrâneo, o nebuloso e o noturno.

Dessa união concebe Tífon ou Tífeu. Esse é um personagem monstruoso com formas humanas. Ele tem cem cabeças de serpentes, cada qual com dois olhos que emanam uma chama que queima e uma língua preta. Usa vozes múltiplas pois fala na linguagem dos deuses, às vezes, a dos homens e também imita sons de bichos. Possui uma força assustadora e esta sempre em movimento, se mexendo.

Seu nascimento constitui um perigo para a ordem Olímpica, pois Tífon entra em um conflito com Zeus. E se este saísse vitorioso, o mundo voltaria ao estado primordial e caótico. Tífon é um mal sem remédio.

No entanto, Zeus vence o combate novamente, apartando Tífon da esfera divina e despachando-o para o mundo homens. Lá ele se junta com a discórdia, com a guerra e com a morte. Ou seja, agora irá fazer estragos entre os homens com uma violência tão brutal que os deixará indefesos, restabelecendo sua supremacia.

No exato momento em que a soberania parece definitivamente estabelecida, estoura uma crise do poder supremo. Surge uma força que representa tudo aquilo contra o que foi instituída a ordem - o caos, a mistura, a desordem -, e ameaça o senhor do mundo. Zeus parece desarmado. Para se restabelecer no trono, tem que apelar para personagens secundários. (VERNANT, 2000, p.47)

Mais uma vez outros seres entram em conflito com Zeus. Dessa vez, seres que não são nem humanos e nem divinos. Eles são os Gigantes, já citados no início da narração. Devido às suas características, esses seres se indagam porque não são os detentores do poder supremo.

Como os Gigantes estão entre a mortalidade e a imortalidade, Zeus recebe auxílio de um

mortal para ajudá-lo na batalha. Esse é Heracles, herói dos doze trabalhos. Ele é filho de Zeus com uma mortal, Alcmena.

Através dos frutos efêmeros, que é o alimento dos mortais, Zeus garante a vitória completa sobre os Gigantes. Esse alimento os deixam fracos e vulneráveis, assim como os homens.

Assim termina a sucessão de gerações e de soberanos, com Zeus ocupando o trono do universo e impondo suas "regras".

Em resumo, nesse mundo divino, múltiplo, diverso, Zeus previu os perigos de um conflito. Vigilante, ele instituiu não só uma ordem política, mas também uma ordem quase jurídica, para que, assim que surgir uma disputa, não haja o risco de abalar os pilares do mundo. (VERNANT, 2000, p. 53)

1.5 Homens

Começarei a relatar a história dos homens a partir da estabilização do mundo divino.

Zeus ocupa o trono do universo. Agora o mundo está ordenado. Os deuses disputaram entre si, alguns triunfaram. Tudo o que havia de ruim no céu etéreo foi expulso, ou para a prisão do Tártaro ou para a terra, entre os mortais. E os homens, o que aconteceu com eles? Quem são eles? (VERNANT, 2000, p.56)

Os homens viviam em Mecona na Grécia, uma planície de terras ricas na qual tudo cresce espontaneamente em qualquer uma das estações do ano. É uma terra de abundância, todos os alimentos e bens ficam a disposição dos homens, assim como o fogo, na copa de certas árvores denominadas de Freixos e os cereais que crescem sozinhos. Ou seja, os homens não precisam lavrar a terra, não participam da colheita do alimento e não preparam o seu alimento. Não existia trabalho. Tudo já estava pronto. Bastava apenas serem consumidos.

Em Mecona, homens partilhavam das mesmas terras, refeições e festas com os deuses. Ambos viviam juntos dividindo o mesmo espaço e em plena felicidade. Nessa época os deuses viviam tanto no Olimpo quanto na terra, assim como não existiam mulheres mortais. Elas ainda não haviam sido criadas. Portanto, os homens já surgiam jovens no mundo. Talvez vindos de Gaia, Mãe-Terra. Por desconhecerem tanto o nascimento quanto à morte, eles permanecem

sempre jovens, pela vida toda. Além disso, também não conheciam o sofrimento, as doenças e outros males. O corpo dos homens desconhece qualquer forma de mal estar.

Mas chegou o momento em que é necessário ocorrer uma separação. Homens e deuses não podem mais viver juntos e dividir os espaços. Isso porque os deuses fazem entre si uma grande partilha para resolverem questões que dizem respeito às honrarias e aos privilégios recebidos por cada um deles.

Assim, Titãs e Olímpios fazem a primeira partilha, utilizando a violência e da força bruta. Essa partilha, descrita anteriormente, foi resultante da batalha travada entre Zeus e os Titãs e a responsável por mandar os últimos para o Tártaro. Todavia, foi necessário um encarregado para fazer a partilha dos poderes, assim sendo, Zeus foi o escolhido.

Feita a repartição entre os deuses, é preciso agora, fazer a divisão dos espaços. Mas como fazê-la, já que a utilização da violência bruta e do acúmulo de força acabaria aniquilando os mortais, visto que os deuses possuem uma potência descomunal? E por outro lado, os imortais não aceitariam nenhum tipo de acordo com os humanos, pois são divindades.

Por esse motivo, Zeus encarrega Prometeu de solucionar a questão. Mas por que Zeus o escolhe?

Prometeu não é uma personagem nova nesta narrativa. Anteriormente já fez uma intervenção para ajudar Zeus. Como já foi descrito, a divindade é filha de Jápeto, Titã irmão de Crono. É irmão de Atlas e de Epimeteu. Atlas é condenado por Zeus por isso tem de carregar a abóbada do céu em suas costas, e Epimeteu é aquele que compreende a posteriori, tarde demais e conseqüentemente está sempre decepcionado. Enquanto isso Prometeu é seu contrário, é aquele que prevê, que compreende antecipadamente.

Apesar de Prometeu ser descendente de um Titã, ele não é propriamente um deles. Porém, também não vem a ser um Olimpo, pois pertence a uma linhagem diferente.

Todavia, Zeus e Prometeu possuem características semelhantes. Ambos são inteligentes, munidos de extrema sutileza, astúcia e esperteza. Prometeu é um ardiloso, autônomo nas suas ações, pois age por conta própria. Também é indisciplinado devido ao seu espírito de rebelião e está sempre pronto para criticar e contestar a tudo e a todos. Prometeu representa o corpo que não permite ser reprimido, é um corpo livre e criativo.

Assim como Prometeu possui traços em comum a Zeus, possui também aspectos que o aproxima dos humanos, fazendo com que ele mantenha a relação de proximidade e cumplicidade

com estes. A divindade é uma espécie de benfeitora dos homens.

Em suma, Prometeu é o encarregado de fazer a divisão entre imortais e mortais. Assim sendo, todos se reúnem como de costume, para que ele proceda à repartição.

Como é de se esperar, Prometeu utiliza-se de uma artimanha e de sua astúcia e esperteza. Para tal ele se vale de um grande animal, um bovino, que nada mais é que um touro fantástico, o qual ele mata, retira a pele e depois começa o corte, assim como acontecia nos rituais de sacrifício grego.

Os rituais de sacrifício têm uma forte relação com a temática desse trabalho. Pois o corpo, de origem humana ou não, é um elemento de profunda e essencial interdependência, integrante desse tipo de prática. O corpo possui uma representatividade muito forte nesses tipos de manifestações, pois são espécies de festas praticadas com a presença de várias pessoas. Nesses tipos de rituais, o contato físico e espiritual é de praxe, através de danças, banquetes, orações, música etc. Notaremos tal relevância no desenrolar dessa narrativa.

Primeiro Prometeu descarna inteiramente os ossos, limpando-os para retirar toda a carne que os envolve. Depois forma um monte juntando todos esses ossos e o envolve com uma fina camada de gordura branca, um sebo brilhante, o qual possui um aspecto extremamente apetitoso, finalizando aí o primeiro pacote que dará para Zeus escolher.

No segundo pacote coloca tudo o que é comestível, todas as carnes. Estas são cobertas pela pele do touro e colocadas na sua gáster, ou seja, no estômago do animal, que tem uma aparência repugnante, desagradável de se ver, pois é viscosa e feia.

Feita a divisão dos pacotes, Prometeu os coloca diante de Zeus, que aceita as regras do jogo. Este tem que escolher qual pacote representará os deuses e qual os mortais, traçando de uma ou outra forma a fronteira destes.

Então Zeus, com ar de absoluta satisfação, escolhe aquele pacote com a aparência mais bonita e apetitosa, a do sebo branco e brilhante. Ao abrir o embrulho, vê apenas ossos nus e fica extremamente furioso com aquele que quis lubridiá-lo.

Mas neste episódio, Prometeu tinha a intenção de representar a relação entre homens e deuses pelo sacrifício. Os ossos brancos formam a arquitetura do corpo, são as partes não mortais, imputrescíveis, imutáveis e não comestíveis, que representam o que há de mais precioso no ser vivo. Portanto, é a parte que mais se aproxima do divino, ou seja, por meio desta artimanha, Prometeu representou os ossos através da vitalidade do animal, vitalidade esta que

para os gregos estava ligada ao tutano contido no nos ossos.

No sacrifício, os deuses são representados pelos ossos nus, que são besuntados de gordura brilhante e depois queimados com ervas aromáticas, para que suba aos céus sob a forma de uma fumaça cheirosa. Já os humanos recebem a carne, parte morta e comestível do animal. Ela serve de alimento para os mortais que não são auto suficientes e precisam de energia para não morrer, diferentemente dos deuses que se alimentavam do néctar e da ambrósia, já mencionados anteriormente.

Assim, o caráter de mortalidade com que os homens ficam marcados nesta divisão é decisivo. À parte reservada a eles no sacrifício é a carne, o resto do animal que pode se consumir grelhada ou fervida.

Esse mito narra com muita propriedade a relação que existe entre o corpo do homem e o corpo divino não só na cultura grega, mas também pode ser usado para descrever e representar as demais crenças e religiões que caracterizam seus devidos deuses, como detentores de qualidades sobre-humanas e de difícil aquisição, no sentido de conquistá-las.

Prometeu usou tal artifício pelo fato que se não tivesse escondido e falseado os pacotes, Zeus poderia ter escolhido os ossos e a vida do animal. Porém, essa dissimulação com aparências falsas faz com que Zeus acredite que Prometeu tenha tido o intuito de tapeá-lo para dar aos homens a melhor parte e decide castigá-lo, fazendo-o pagar por sua trapaça.

Para puní-lo, Zeus decide castigar os homens escondendo o fogo e o trigo, o que representou para os homens uma catástrofe, pois antes da divisão o fogo ficava à disposição tanto para os homens quanto para os deuses, na copa de certas árvores, os Freixos. Esse era o fogo celeste e imortal do raio de Zeus, que nunca enfraquece nem se apaga. Perder o fogo significava não ter com que se aquecer e nem ter com o que preparar a carne, já que os mortais não comem carne crua, só podem comê-la se estiver cozida. E, sem o trigo, os homens não tinham mais a cevada e nem o pão. Ou seja, não tinham mais a vida, o alimento dela, os cereais.

Diante desta atitude de Zeus, Prometeu descobre uma nova artimanha usando um artefato da natureza. Através de um simples galho de funcho bem verde e úmido por fora, mas totalmente seco por dentro, sobe ao céu como quem não quer nada. Apanha uma semente do fogo de Zeus e a coloca dentro do funcho, para que queime escondido dos olhos de todos. Retorna a terra sem levantar suspeitas.

Prometeu dá aos homens esse fogo que, a partir de agora, terá de ser continuamente

alimentado. Será necessário conservá-lo e vigiá-lo, já que este é um fogo que saiu de uma semente e, portanto, que morre.

Já o trigo, os homens terão que esconder suas sementes no ventre da terra para que Zeus não as pegue novamente. Por isso terão que trabalhar o seu alimento e não poderão consumir tudo que produzirem de uma só vez, terão de ser econômicos e prudentes. Levarão uma vida difícil, na qual darão duro dia após dia na lavoura e apertada devido às restrições. Será necessário guardar e estocar algumas sementes para os períodos de inverno e também para serem utilizados na próxima colheita.

Como consequência do mito de Prometeu, os homens descobrem a agricultura. Tornam-se civilizados. Agora, possuem um estatuto diferente dos deuses e distantes dos bichos. Têm em suas mãos o principal marco da cultura humana: o fogo prometéico. 0

Novamente, Prometeu utiliza-se da astúcia. Por meio do mesmo processo ocorrido no sacrifício do touro, joga com as diferenças entre as aparências externas e a realidade interna, da oposição entre dentro e fora, e mais uma vez a ambigüidade se faz presente.

Os homens agora podem acender as fogueiras e começar a cozinhar, e é o que eles fazem. Do alto do céu, Zeus vê o brilho das chamas em todas as casas e fica encolerizado mais uma vez. Por isso, Zeus convoca outros deuses para realizarem seu plano de infernizar a vida dos homens para mais uma vez castigar Prometeu, punindo-o por ter seguido seus impulsos.

Assim manda Hefesto, deus da forja, que é seu filho com a deusa Hera, modelar uma estátua com a forma de uma bela mulher a partir de água e argila e dotá-la com feições graciosas e uma aparência virginal, ou seja, de uma moça solteira e pronta para o casamento.

Depois designa Hermes para dar vida a essa magnífica estátua, conferindo-lhe movimento, força e voz como a de um ser humano. No entanto, põem em sua boca palavras mentirosas. Dota-a com um temperamento de ladra e um espírito de cadela, execrável. Por outro lado, será dona de um discurso extremamente sedutor.

Hermes também é filho de Zeus, porém sua mãe é Ninfa Maia. Ele é o deus mensageiro e está ligado ao movimento, às transações e ao comércio. É o deus que liga a terra e o céu e os vivos e os mortos.

Em seguida, Atena e Afrodite são encarregadas de vestir a estátua. Colocam um vestido, enfeites, jóias e um diadema, que é posto em sua cabeça e da qual sai um véu de noiva. Este diadema representa a vitalidade de todos os animais. Todos estes artefatos foram utilizados para

prolongar ainda mais sua beleza.

Esta criatura fabricada e modelada à imagem das deusas imortais é o arquétipo da primeira mulher. Ela é denominada de Pandora. E dela sairá toda a “raça” das mulheres. Pandora personifica o touro sacrificado e o funcho utilizados por Prometeu. Tem aparência enganadora. Por fora se apresenta extremamente encantadora, mas por dentro esconde um espírito de faceirices e mentiras.

Ela é a mulher que vive insatisfeita, quer se fartar ao máximo, pois não consegue se satisfazer com o pouco que existe. Está sempre disposta a reivindicar por aquilo que quer. É mesquinha, e encarna todos os males e desgraças do mundo e dos homens. Sua figura resume todas as contradições da existência dos mortais. É sinônimo de fogo ladrão.

Embora Pandora tenha sido criada especialmente para atormentar a vida dos mortais, ela é enviada a Epimeteu, que ao vê-la em frente à porta de sua casa fica fascinado e maravilhado com tamanha beleza. E mesmo Prometeu tendo percebido de antemão e prevenido o irmão que Zeus tramava algo, não consegue evitar a “desgraça”.

Epimeteu não resiste ao presente enviado pelos deuses, a essa estonteante donzela e convida-a para entrar em sua casa. O casal desposa no dia seguinte. E ela se torna a primeira esposa humana dando início a todas as desgraças da humanidade.



Figura 8. Pandora

Em suma, Pandora é inventada e dela surgirá o feminino entre os mortais. A partir de então, a espécie humana se originará através de uma relação sexual. Os casais se acasalarão e terão descendentes. Através da existência desses descendentes, ou seja, de um filho, prolongarão a vida.

A esposa, ou melhor, o ventre da mulher terá um duplo significado. O primeiro é o da voracidade insaciável que engole e destrói tudo o que o esposo colheu através de seu trabalho e cansaço. E o segundo é o de representar a fecundidade que gera um descendente.

Essa história ainda não foi concluída. Mas com Pandora instalada na casa de Epimeteu, Zeus dá sua cartada final.

Na casa de todo lavrador existem muitos vasos que são utilizados para armazenar trigo, vinho, óleo ou outros mantimentos, e Epimeteu sendo um lavrador tinha inúmeros desses vasos em sua casa. Porém, havia um muito grande e que ficava escondido para que ninguém o tocasse. Nesse vaso continha todos os males, todas as coisas ruins e desgraças que se pode conhecer como: o cansaço, os acidentes, as doenças e a morte.

Zeus diz a Pandora, que é o grande mal visível o qual podemos ver e ouvir e que se disfarça através de sua beleza e poder de sedução, o que ela deve fazer. Assim, quando Epimeteu sai de casa, ela destampa o vaso escondido disseminando pelo mundo todos os males que ali se encontravam. Males que se mexem para todos os lados, que são móveis, invisíveis e indiscerníveis, sem forma e que os homens tentaram evitar ao longo de suas vidas.

Prometeu acaba sendo submetido à fúria de Zeus, que o acorrenta e o prende. Coloca-o a meia altura de um penhasco, entre o céu e a terra para que a águia, símbolo de seu raio divino e portadora deste, se alimente de seu fígado. Este se regeira todas as noites para ser devorado pela ave durante o dia que se sucede.

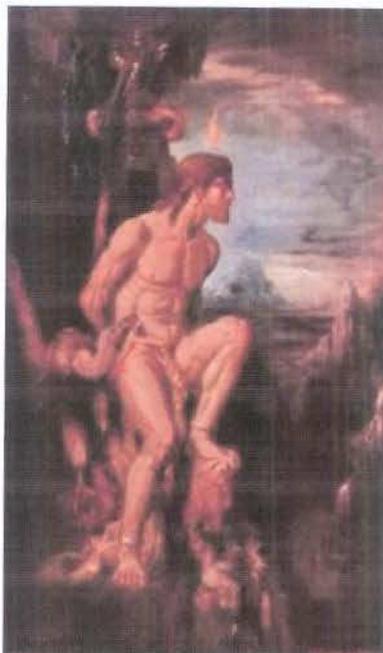


Figura 9. Prometeu

Isso se repete dia após dia até que, com o consentimento de Zeus, Hércules liberta Prometeu desse castigo, concedendo-lhe a imortalidade de Quíron, um centauro muito sensato, bondoso e educador de heróis, que foi ferido e está sofrendo muito, pois seu ferimento não tem cura. Assim ocorre uma troca, dá-se a morte tão desejada a Quíron e a sua imortalidade é oferecida a Prometeu, cada qual se livrando de seu sofrimento.

Concluída aqui essa breve introdução acerca da origem dos mortais, começarei, a partir de então, a descrever outra personagem que ganhará destaque ao longo desse próximo relato. Contarei a aventura do mortal Ulisses, que devido as suas particularidades será motivo para uma discussão mais detalhada. Contudo, antes de introduzi-lo, iniciarei o relato a partir da Guerra de Tróia, da qual ele participa e é a causa de seu destaque.

A Guerra de Tróia é resultado dos acasos da história humana, mas suas raízes são decorrentes das relações entre deuses e homens, fortalecendo o caráter mítico da cultura grega.

Assim Tétis, a deusa marinha que tem o dom de metamorfisar-se, assim como Mêtis, é filha de Nereu e Dóris. O primeiro é filho de Ponto e sua esposa é descendente de Oceano. Tétis, sendo extremamente sedutora, atrai atenção e o desejo de Zeus e de Posêidon. Porém, eles são alertados que ela gerará um filho extraordinário, que tirará a soberania do próprio pai. Assim desistem da união e destinam a deusa a casar-se com um mortal, Peleu, rei da Ftia.

Porém, Peleu precisa conquistar a deusa, já que esta não aceitará tão facilmente casar-se com um mortal. Assim, vai até a beira do mar e, ao avistá-la, captura-a, aprisionando-a em seus braços entrelaçados com extrema firmeza para que não fuja ao metamorfosear-se. Tétis percebe que não tem como se livrar e cede, casando-se com o mortal.

Todos os deuses descem do Olimpo para o casamento que é celebrado no Pélion, montanha na qual a distância entre deuses e homens é menor. Em contrapartida, essa proximidade deixa os mortais em uma situação desfavorável, pois os deuses aproveitam para transmitir todos os males e catástrofes do céu etéreo. Logo, os homens não podem realizar cerimônias de casamento livre de cerimônias de luto.

Nesse contexto, surge um personagem que não havia sido convidado. É a deusa Éris, que representa a discórdia, o ciúme, o ódio. Ela traz consigo um presente de amor, uma maçã de ouro, que deve ser dada a mais bela deusa. Todavia ali estão Afrodite, Atena e Hera.



Figura 10. Afrodite

O surgimento dessa maçã desencadeará a Guerra de Tróia. Como os deuses não conseguem decidir qual das três é a mais bela e Zeus é um soberano imparcial, mais uma vez cabe a um mortal resolver a questão. O escolhido é Páris, filho de Príamo, senhor de Tróia e Hécuba. Hermes é o encarregado de levar as três deusas ao encontro de Páris, que fica constangido para fazer a escolha. Tendo em vista isto, cada deusa acaba lhe oferecendo um poder único caso seja a escolhida. Afrodite lhe tornará um sedutor completo que terá a mais bela mortal, Helena, já Atena lhe oferece

Atena lhe oferece a vitória nos combates de guerra e a sabedoria e Hera o fará soberano de toda a Ásia. Páris escolhe Helena, portanto Afrodite é dada como a mais bela dentre todas as deusas.

Apesar da escolha, Páris terá de raptar Helena e fugir, pois ela é casada com Menelau. Como ambos se conheciam, o rapto se torna uma afronta e desencadeia a guerra propriamente dita. Páris terá como comparça Enéias, filho de Afrodite, e Menelau contará com a ajuda de seu irmão Agamêmnon, Aquiles, filho de Têtis e Peleu e Ulisses.

Com o fim da Guerra de Tróia Ulisses, Agamêmnon e Menelau começam a viagem de retorno para a casa. Porém, os deuses querem punir os gregos pelos excessos cometidos durante o combate, fazendo com que Ulisses e sua tripulação enfrentem uma terrível tempestade e acabem saindo de sua rota.

A narrativa de Ulisses é repleta de aventuras que envolvem muitos deuses e dura muitos anos. Ele é um herói grego, portanto possui caracteres de tal como a força física, a beleza, a inteligência e muitas habilidades. No decorrer das aventuras, Ulisses envelhecerá, terá amantes, perderá a beleza e depois a retomará de forma mais intensa, e tanto enfrentará adventos de deuses e da natureza como receberá a ajuda de outros.

Nesse desvio, Ulisses, primeiro desembarca em Trácia. Toma a cidade e poupa apenas um homem denominado Máron, que é um sacerdote de Apolo. Ele lhe dá odres de vinho, uma espécie de néctar divino que será utilizado como reserva para uma eventual emergência. Mas acabam fugindo as pressas devido ao ataque de outros moradores do local.

Mais uma vez no mar, quase nas proximidades de Itáca, sua pátria, Ulisses e sua tripulação são atingidos por outra tempestade. Dessa vez atraca na “terra do esquecimento”, a ilha dos lotófagos. Mas após uma frustrada permanência batem em retirada.

Acabam saindo dessa ilha e caem em outra. É uma ilha invisível, tomada completamente pelo breu. Ulisses e mais alguns marinheiros descem para explorar e descobrir algo. Encontram uma caverna. Ao entrar, percebem que não há ninguém lá apenas um rebanho e diversos queijos. Os marinheiros querem roubar a comida e sair rápido dali antes que o habitante apareça. Mas Ulisses, sendo muito curioso, quer ficar e esperar para ver quem é o morador. Assim como todo homem, Ulisses é um curioso.

Eis que chega o gigantesco Ciclope, chamado Polifemo, que vê Ulisses e vai em sua direção. Nesse momento, Ulisses, um homem que sabe usar as palavras, começa a contar suas histórias e lorotas. Porém, o Ciclope acaba engolindo alguns de seus marinheiros e Ulisses,

percebe que entrou em uma enrascada.

Utilizando sua astúcia, se apresenta ao Ciclope com o nome de Oútis (ninguém) e oferece-lhe um pouco do néctar divino a fim de adormecê-lo. Oútis aproveita tal momento e cega o único olho de Polifemo, que desperta aos berros e extremamente furioso. Ainda dentro da gruta, Oútis trama uma forma de sair de lá, e assim o faz. Próximo a sua embarcação, com um grito revela seu verdadeiro nome ao Ciclope que profere uma impreciação a Ulisses. Polifemo pede ao seu pai Posêidon, irmão de Zeus que reina sobre as ondas marinhas, que se vingue. Posêidon ouve o pedido do filho e fará com que Ulisses seja levado ao extremo limite das trevas e da morte durante sua viagem de retorno para a casa.

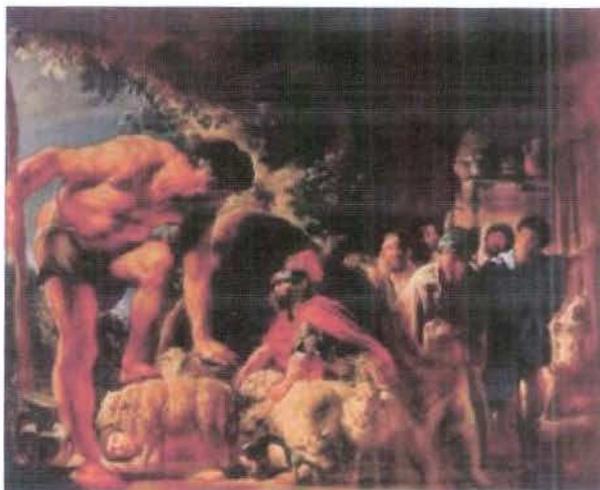


Figura 11. Ulisses

O navio de Ulisses se afasta da ilha de Polifemo e navega até chegar à ilha de Éolo, o senhor dos ventos. Após alguns dias, Ulisses recebe de Éolo um odre que deve ser vigiado pois dentro dele contém as fontes de todos os ventos e as sementes de todas as tempestades, deixando de fora apenas àquele que vai da ilha direto para Ítaca.

Ulisses parte novamente. Quando desce a noite, já nas proximidades de sua pátria, acaba adormecendo. Esta falta de Ulisses deixa o odre a mercê dos marinheiros que acabam abrindo-o. Mais uma vez saem da rota.

Caem na ilha dos letrigões, mas como Ulisses é esperto deixa seu navio um pouco afastado e manda outro para atracar na ilha. Alguns marinheiros desembarcam para descobrir quem são os habitantes. Esses matam todos que podem, porém Ulisses, que estava amotinado, bate em

bate em retirada com apenas a sua embarcação.

Atracam na ilha de Eea onde vive Circe, uma feiticeira filha do Sol. Circe vive só por isso transforma todos os homens que vê em animais para que não a deixem e permaneçam ali ao seu lado para sempre. Assim acontece com alguns dos tripulantes de Ulisses que tomam a bebida oferecida pela maga e se transformam imediatamente em porcos. Para salvá-los, Ulisses recebe ajuda de Hermes, que lhe explica o que aconteceu e lhe dá um contraveneno.

Já na casa de Circe, Ulisses toma a bebida ofertada por ela, mas não sofre a metamorfose e acabam selando um acordo. Em troca da quebra do feitiço, da liberdade dos seus marinheiros Ulisses aceita viver com Circe, como namorados. Porém, depois de muitos dias os marinheiros, não suportando mais viverem na ilha, lembram a Ulisses que ele deve voltar para sua terra. Circe não tenta impedi-lo de partir e lhe dá informações para regressar de forma cautelosa, pois no caminho passará pelo mundo dos mortos, o Hades. Lá encontrará Aquiles.

Após sair de lá, faz uma escala na ilha de Circe, que desta vez lhe avisa que terá de resistir ao canto e encanto das Sereias, pois assim como as Musas, filhas de Zeus com a Titânida Mnemósine, possuem um dom com as palavras e se utilizam, além da sedução, pois são belas, da persuasão, fazendo com que os homens sigam a sua voz. Terá, também, de navegar entre Caríbdis, um precipício que engole todos os navios e Cila, uma monstruosa rocha em forma de cão com seis cabeças e doze patas que devora qualquer pessoa. Ulisses e alguns marinheiros conseguem escapar desses perigos.

Chegam à ilha de Trinácia, terra do sol e novamente despertam a ira do deus Sol, mesmo depois dos avisos de Tirésias, adivinho inspirado por Apolo. Ulisses, mais uma vez, se entregou a escuridão adormecendo e perdeu a vigília deixando com que seus marinheiros cometessem imprudências.

De volta ao mar, são castigados por Zeus a pedido de Hélio, o deus Sol. Mas desta vez, Ulisses é o único sobrevivente, fica à deriva agarrado a um pedaço do navio por nove dias até chegar a ilha de Calipso.

Ulisses permanece anos vivendo ao lado de Calipso, escondido de Posêidon, na ilha perdida no tempo e no espaço, até que acontece a intervenção de Atena. Ela pede apoio a Zeus, seu pai, para deixar Ulisses voltar para sua casa sem que Posêidon tente impedi-lo, pois ele é o único herói que ainda não retornou. Zeus acata ao pedido e encarrega Hermes de ir até Calipso lhe pedir que deixe Ulisses partir. Calipso aceita mandá-lo de volta, mas antes tenta lhe oferecer

a imortalidade, para que continue vivendo ao seu lado. Ulisses não aceita, pois quer voltar para sua casa e para sua esposa Penélope. Então, Calipso o ajuda a construir uma jangada.

Sozinho na jangada, Ulisses, é avistado por Posêidon que fica furioso ao vê-lo depois de tantos anos. Para se vingar, Posêidon age através das águas do mar e fulmina a jangada. Mas, dessa vez, Ulisses conta com a ajuda da deusa Ino-Leucótea para se salvar e acaba caindo na ilha dos feácios. Na ilha conhece Nausícaa, filha do rei dos feácios Alcínoo e da rainha Areta. E como corriqueiro, acaba atraindo a atenção da moça que esta na idade de se casar. Mas sendo Ulisses um herói, o rei acaba ajudando-o a retornar para Ítaca.

Enfim, Ulisses retorna à sua pátria. Mas a conselho de Atena deverá esconder sua verdadeira identidade, já que Penélope tinha vários pretendentes vivendo no palácio com o intuito de tomar o lugar de Ulisses e matar Telêmaco, filho do casal.

Então, Atena o transforma e um mendigo, velho, miserável e maltrapilho afim de não chamar a atenção de ninguém, entrar no palácio e matar todos esses pretendentes, que até então, eram enganados pela própria Penélope. Para ganhar tempo e não se casar com outro homem tecia um pano que seria ofertado a seu futuro sogro o dia inteiro, porém durante a noite desfazia todo o trabalho. Assim poderia aguardar o retorno do marido que ainda não havia sido dado como morto.

Ulisses consegue entrar no palácio mas acaba tendo que lutar com um outro mendigo, Iro, que vivia lá de esmolas e insultos, ou seja, deixava-se agredir e violentar tanto por palavras quanto por atos físicos. Os pretendentes que ali se encontravam se divertiam e agitavam a situação com insultos e humilhações. Para acabar com a exaltação, Telêmaco declara que o homem, Ulisses, será seu hóspede.

Assim, Ulisses começa a articular seu plano e revela sua verdadeira identidade para as pessoas de quem ele quer ajuda inclusive de seu filho Telêmaco que nunca tinha visto pai. Ulisses consegue matar todos os pretendentes devido, mais uma vez, à interferência de Atena. Porém, mesmo com os sinais que confirmam que o mendigo esfarrapado é seu esposo, Penélope não acredita e prepara uma cilada para tirar prova. Contudo, Ulisses é finalmente reconhecido pela sua esposa e pelo seu pai Laertes e a trégua, a paz e a harmonia são restabelecidas em Ítaca.

Assim, termino a saga de Ulisses para começar a contar a história da última personagem desse trabalho, que é Dioniso. Porém, antes é necessário explicar como ocorreu a fundação de Tebas.

Fênix, Cílice e Taso. Por ser uma donzela muito bonita, acaba atraindo o desejo de Zeus que por sua vez, se metamorfa na forma de um magnífico touro branco e a rapta.

Zeus a leva para Creta afim de que ninguém a encontre. Esta é uma ilha isolada do resto do mundo, e tem como vigilante o gigante Talo que tem a função de impedir tanto a saída dos habitantes quanto a chegada de estrangeiros. Da união de Zeus e Europa dão-se dois filhos: Radamanto e Minos, que logo se tornam os soberanos de Creta.



Figura 12. Zeus e Europa

Em contra partida Agenor, não satisfeito com o rapto da filha, encarrega a mulher e os filhos para encontrá-la. Assim, Cadmo e sua mãe saem em busca de Europa e chegam à Trácia. Teléfassa acaba desfalecendo e Cadmo vai até o oráculo de Delfos para que consiga alguma ajuda. Delfos não lhe dá as respostas que gostaria de ouvir, mas esclarece algumas questões e conta que ele terá de fundar uma cidade a fim de se fixar e criar raízes. Assim, Cadmo parte em busca desse presságio escoltado por alguns jovens. Porém, antes de fundá-la fará um sacrifício a Atena.

Diante disso, acaba matando um dragão, filho do deus Ares. A pedido da deusa, Cadmo semeia a terra com os dentes do dragão dos quais surgem, já adultos e armados, guerreiros dedicados à guerra e à violência. Devido a essas características os guerreiros acabam se enfrentando e apenas cinco se salvam com vida. São eles, os Semeados: Ctônio, Equíon, Hiperenor, Peloro e Udeu.

e apenas cinco se salvam com vida. São eles, os Semeados: Ctônio, Equíon, Hiperenor, Peloro e Udeu.

Assim, Cadmo se casa com Harmonia, filha de Ares e de Afrodite, e se torna o soberano de Tebas. Uma das filhas do casal, Sêmele, será cobiçada por Zeus e dessa união nascerá Dioniso. No entanto, Dioniso sai da coxa de seu pai, isso porque Sêmele já grávida deseja ver Zeus em todo o seu esplendor. Acatado seu pedido termina por ser consumida pelo brilho do amado, que coloca o feto em sua coxa. Dioniso é confiado aos cuidados de amas que o criam escondido de Hera, que não aprova as aventuras de Zeus, seu marido. Assim, o menino cresce e inicia sua vida errante. É um estranho estrangeiro, um vagabundo.

Dono de uma aparência extremamente sedutora e exótica, pois possui cabelos compridos, olhos escuros e se traveste com vestes femininas, acaba fascinando as mulheres por onde quer que passe e torna-as adeptas de sua figura. Isso o faz sofrer diversas perseguições de reis, como a de Licurgo, rei de Trácia. Em função desse fato acaba percorrendo diversos territórios da Ásia.

Após essa passagem pela Ásia acaba retornando a Tebas, cujo rei é Penteu, filho de Equíon e Ágave, irmã de sua mãe.

[...] em Tebas, esbarrou com a incompreensão e provocou um drama durante todo o tempo em que a cidade foi incapaz de estabelecer o vínculo entre as pessoas da terra e o estrangeiro, entre os sedentários e os viajantes, entre, por um lado, sua vontade de ser sempre a mesma, de continuar idêntica a si mesma, de se negar a mudar, e, por outro, o estrangeiro, o diferente, o outro. (VERNANT, 2000, p. 160)

Em Tebas, Dioniso enlouquece todas as mulheres, pois não perdoa o fato de sua mãe ser considerada uma mentirosa, isso porque ninguém acredita que Sêmele tivera relações com Zeus. Essas tebanas acabam abandonando seus lares e afazeres e vão para os campos e para os bosques entregues aos devaneios, num transe coletivo.



Figura 13. Dioniso

Esse fato irrita Penteu, pois acreditava que Dioniso era o responsável pelo desequilíbrio hierárquico de seu reino, tirando as mulheres de suas funções e levado-as a ter uma vida desregrada em um estado de loucura e delírios.

Penteu, curioso, vai até o lugar onde as mulheres se encontram e sobe em uma árvore para observá-las sem ser notado. Sem sucesso, acaba sendo esquarterado por essas mulheres enlouquecidas. Sua mãe, Ágave, foi a responsável pelo golpe final e após fazê-lo espetou a cabeça do filho num tirso e a expôs às gargalhadas, acreditando ser a cabeça de um animal. Ao sair do estado de loucura percebeu que havia matado o próprio filho e exilou-se.

Após o ocorrido, Dioniso dá continuidade à sua peregrinação, já que seu objetivo em Tebas foi alcançado: impôs sua religião, seu culto.

A Mitologia Grega possui inúmeros outros deuses, semi-deuses e heróis que participaram e influenciaram a cultura grega e, como já mencionado, são base de estudos até hoje.

Capítulo II: Gaia e Urano; sexualidade e prazer

A intenção desse capítulo em especial, é desenvolver algumas reflexões em torno da temática do corpo, tendo como protagonistas a deusa primordial Gaia e seu filho Urano. Para dar início a tais reflexões é necessário retomar a história deles para descrever minuciosamente a relação entre ambos.

Como dito anteriormente Gaia é a Mãe-Terra, mãe universal e a base do cosmo. Ela é um grande útero que gera a vida e depois esta retorna a ela. Segundo Brandão (2002, p.185): "Ela é a fêmea penetrada pela charrua e pelo arado, fecundada pela chuva ou pelo sangue, que são o *spérma*, a semente do Céu. Como *matriz*, concebe todos os seres, as fontes, os minerais e os vegetais."

Primeiramente Gaia gera seus filhos sem que haja uma união sexual pois não existiam seres masculinos. No entanto, a partir do nascimento de um de seus filhos, Urano, Gaia passa a ter um parceiro masculino para unir-se.

Urano, por ser a antítese de Gaia e ter, portanto, o mesmo tamanho e extensão, permanece deitado e estendido sobre ela, cobrindo-a e sufocando-a completamente. Logo, impede que os filhos que nasceriam dessa relação sexual saiam do ventre de Gaia e se tornem seres individualizados, pois ele teme uma futura sucessão e nega a paternidade destes.

Urano, na simplicidade de sua potência primitiva, não conhece nenhuma outra atividade a não ser a sexual. Largado sobre Gaia, cobre-a por inteiro e se esparrama dentro dela, incessantemente, em uma noite interminável. Esse excesso amoroso constante faz de Urano aquele que 'esconde'; esconde Gaia sobre a qual acaba de deitar-se; esconde seus filhos no próprio lugar em que os concebeu, no ventre de Gaia que geme, incomodada em suas profundezas com o fardo de seus filhos. (VERNANT, 2000, p.249)

A potência sexual de Urano poderia ser melhor explicada como uma forma de poder,

definido por Sponville (2003) como sendo *poder de* manter relações sexuais com Gaia e também o *poder sobre* ela, que se submetia aos prazeres insaciáveis de Urano

Essa situação acaba se tornando cada vez mais desconfortável para Gaia, pois a deixa inchada com tantos seres retidos dentro de si. Gaia, furiosa, articula um plano para que Urano se distancie dela. Para tal, solicita ajuda dos próprios filhos, os Titãs. Porém, só Crono se oferece para enfrentar o pai.

Gaia fabrica dentro de si uma foice em metal branco e dá ao jovem filho. Como em uma emboscada, Crono espera pacientemente que a oportunidade chegue. Quando surge tal oportunidade, Crono agarra as partes sexuais de Urano e com um golpe certeiro corta-as e as atira nas ondas do mar, analogamente cortando a fonte de prazer do pai.

No momento em que é castrado Urano dá um grito de dor e se distancia de Gaia. A partir de então se cumpre o nascimento do cosmo: céu e terra se separam e inicia-se a sucessão de gerações e a alternância do dia e da noite. Em função da distância criada entre ambos, Urano perde sua exacerbada potência sexual e a copulação passa a ocorrer apenas nos dias de chuva, que é a responsável por fecundar a terra, gerando vidas.

Em vista dessa relação que havia entre os dois podemos fazer um paralelo partindo da sexualidade, já que esta é fruto de condutas e manifestações sociais que vão se remodelando, mudando ou variando ao longo da nossa vida e de toda a história. Em outras palavras, a sexualidade não tem uma forma fixa, pois sofre influências de forças sociais e culturais, sendo uma elaboração histórica na qual a mitologia se encaixa perfeitamente.

Bullough (1976) citado por Highwater (1992, p.17), escreve que “A base de muitas suposições [sexuais] surge muitas vezes nos mitos de criação, envolvendo normalmente a terra e o céu [...]”. Ou seja, as diferentes culturas se apropriam destes mitos para que eles sirvam de norma para as relações sexuais. Neste caso, Gaia é a figura feminina, portanto fica por baixo de Urano que representa o masculino.

Ainda segundo Highwater (1992, p.16), baseado em dizeres de Foucault, enfatiza que a sexualidade surge a partir de uma elaboração histórica que é repleta de significados, porém estes só podem ser explicados a partir do conhecimento do contexto dos quais são gerados e vividos, não ultrapassando as especificidades das manifestações sociais e históricas.

Escreve Highwater (1992) a respeito da compreensão de corpo e de sexualidade que cada sociedade deve se basear na história da concepção do corpo humano que se fundamenta, portanto, na

história dos sistemas de valores realmente fundamentais de cada sociedade, já que nosso corpo é o cosmos, e nosso lugar mitológico no cosmos transforma-se inevitavelmente em metáforas anatômicas, que tomamos como fatos da vida.

A partir das idéias expostas acima podemos inferir que a concepção do corpo é vista através de paradigmas culturais que influenciam a nossa vida e determinam nossas ações e atitudes diante das regras, dos costumes, dos conceitos, das convenções, valores e das dicotomias que fazem parte de nossa realidade.

Esses paradigmas estão retratados ao vivo em nossos mitos religiosos políticos, sociais e científicos; pois a mitologia, na acepção mais ampla e afirmativa do vocábulo, constitui o meio pelo qual toda e qualquer sociedade reage às questões fundamentais acerca de nossa origem, vida e destino. Este amálgama da visão do corpo e das fontes mitológicas de sentido simbólico, de fato, é o que representa a essência da sexualidade humana em uma época determinada. (HIGHWATER, 1992, p.17)

Em suma, a sexualidade é influenciada por um fator temporal e determinada pelas diferentes percepções de corpo, que nada mais são metáforas da sociedade vista, portanto, a partir de uma constante transformação dada pela variação e pelo fluxo de um conceito mítico.

Assim sendo, podemos fazer uma possível relação entre Gaia e Urano partindo do ponto de que tal pode ser descrita como uma flutuação existente entre uma intensa manifestação de prazer e de poder. Partindo do conceito de Sponville (2003, p.464), sexualidade é: "Tudo o que diz respeito ao sexo, especialmente aos prazeres que nele são encontrados ou que nele são procurados". Assim podemos dizer que o prazer é uma potência utilizada como uma forma de dominação.

No caso da relação entre Gaia e Urano, o corpo dela é visto como sendo um instrumento, como se fosse um objeto, fonte de uma inesgotável da sensação de prazer. Dessa maneira, Urano consome esse corpo exacerbadamente, buscando a satisfação de seu desejo.

Assim, podemos fazer um paralelo desse corpo, consumido como mercadoria e propulsor de prazer, com o momento histórico que estamos vivendo.

Partindo-se do pressuposto que o consumo não é um fenômeno estritamente de cunho econômico, pois vai além de ser um elemento agregado à produção, mas também cultural, fruto de nossas atitudes, podemos dizer que a busca pelo prazer passou a ser um fator imprescindível.

Essa busca tornou o corpo o principal objeto de consumo, deixando em outro plano a aquisição de produtos e serviços que podem influenciar ou determinar um estilo ou filosofia de

vida.

Em outras palavras, o corpo como objeto de prazer é extremamente valorizado em nossa sociedade, sendo enaltecido pelos meios de comunicação de massa. Essa questão é abordada por Bruhns (2000, p.90) ao retratar a sociedade de consumo que por meio de imagens visuais dão ênfase na aparência física.

A negação de tabus repressivos relativos ao corpo e ao prazer ganha novos rostos, evidenciados através da exposição desse corpo sob várias formas, desde a propaganda até a sexualidade. Uma busca por determinado corpo vem se revelar como imposição na busca pela felicidade imaginada.

Nesse quadro, podemos perceber que diariamente sofremos um bombardeio de estímulos (visuais, táteis, auditivos e até olfativos) que vão em direção a essa necessidade de se atingir o prazer, o bem-estar, ou seja, a felicidade por meio da mercantilização do corpo.

Por outro lado, retomando a relação dos deuses, Urano utilizava seu corpo como uma arma contra Gaia impondo sua vontade e, de certa forma, humilhando-a. Urano mantinha um poder sobre a mulher exercido através de seu próprio corpo.

Porém, esse poder acaba sendo percebido como uma agressão, pois é imposto através da violência, do uso da força. Por essa razão Gaia é "invadida", já que não tem como fugir. Para enaltecer tal situação, as palavras de uma ativista feminista Susan Brownmiller (1975), mencionada por Highwater (1992, p.172) cabem perfeitamente nesse contexto:

[...]A penetração à força no corpo da mulher, apesar seus protestos e de sua luta, representava a via da vitoriosa conquista do homem sobre o ser feminino, a prova suprema da superioridade de sua força, o triunfo de sua masculinidade.

Essa relação do poder a partir de um comportamento violento que para um gera o prazer, nesse caso a satisfação sexual, e para o outro a dor é reforçada por Bruhns (2000, p.96) quando discorre a respeito do corpo, como sendo sinônimo de prazer que se manifesta numa exaltação ao bem-estar, portanto seria um contraponto ao sofrimento.

Tais idéias levam à ilação de que a conexão entre prazer, poder e violência resultam em

uma forma de opressão. Diante do contexto abordado, seria uma opressão sexual praticada pelo corpo masculino, uma dominação exercida por um corpo frente aos outros.

Todavia, podem desempenhar esse papel ou, como consequência, sofrer com ele não só nas manifestações de caráter sexual, mas em todas as práticas sociais, sendo elas religiosas, econômicas e políticas.

Capítulo III: Zeus; poder e violência bruta

A partir da reflexão iniciada no capítulo anterior acerca do poder e da violência, nenhum outro deus poderia se encaixar tão bem para dar continuidade ao assunto como Zeus.

Tendo em vista a abordagem feita no início deste trabalho, sabemos que Zeus foi o responsável por estabilizar e ordenar o mundo, livrando-o de seres monstruosos. Diante disso, é escolhido para ser o senhor do mundo, o soberano do universo.

Do alto do céu, Zeus domina. Na sua qualidade de *pai* dos deuses e dos homens, impõe-se a todos os seus congêneres como sendo o mais forte, o único que poderia equilibrar sozinho os pratos da balança contra o conjunto dos outros. (SISSA E DETIENNE , 1991, p.18)

Desde então, Zeus governa o mundo de maneira ponderada a fim de prezar pelo equilíbrio e manter a ordem. Para tal, tem ao seu lado dois deuses, Krátos e Bie, que representam o poder e a força violenta respectivamente.

Todavia, para alcançar seu objetivo maior de manutenção da ordem, Zeus acaba se tornando um tirano, pois se utiliza dessa posição de poder para impor suas vontades e desejos. Zeus é quem faz e impõe as leis que todos devem seguir e obedecer, porém ele, como tal, não se obriga a respeitá-las. Para complementar, podemos utilizar a definição de tirania dada por Sponville (2003, p. 595) como “[...] o poder absoluto de um só, quando é ilegítimo, violento ou arbitrário” e afirmar que para manter a soberania que “[...], de direito, só pode ser absoluta. Senão ela deixaria de ser soberana” (SPONVILLE, 2003, p.558), é necessário gerar relações de força, ou seja, relações de poder.

Tendo essa compreensão, fica mais claro entendermos o porquê de tanta disputa ao longo da nossa história.

Como sabemos, o poder sempre foi considerado um fator extremamente relevante como forma de dominação, reproduzido em diferentes épocas e em diversas culturas. Assim, "o corpo

não desaparece como alvo do poder, mas é apenas submetido a novos sistemas de dominação" (ALVAREZ, 2000, p 72).

Contudo, é possível dizer que esse poder sempre foi considerado um objeto de desejo, um bem que pode ser adquirido. É almejado e vangloriado por aqueles que o desejam, ou melhor, "A avidez característica da vontade de controle do corpo tende, portanto, a empalidecer perante as relações nas quais os corpos não precisam dominar ou serem dominados para adquirirem importância e força" (SANT'ANNA, 2000, p.87).

Porém, como vimos, esse anseio pode levar à tirania, sendo o estopim gerador de conflitos, guerras e desavenças. Para essa discussão, podemos retomar a conexão entre prazer, poder e violência como forma de opressão a fim de construir uma visão de corpo dentro das práticas sociais.

Diante desse "ciclo vicioso" que pode ser estabelecido entre esses três pontos, que como consequência geram outras ações principalmente as de caráter agressivo, são corriqueiras no nosso dia a dia, ou seja, esse comportamento agressivo se manifesta através de insultos, pequenos desentendimentos e/ou incompatibilidade de idéias nas mais diversas situações e relações humanas, que se caracterizam por esse intenso embate de corpos em sua totalidade. Dentro dessas relações, a Educação Física possui vários exemplos que se manifestam nos variados âmbitos de atuação, ocorrendo do meio escolar ao esportivo.

Dentro do ambiente escolar tais manifestações não se restringem apenas a posição hierárquica estabelecida entre professor/aluno mas também entre os próprios alunos por meio de um fenômeno denominado Bullying (conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas provenientes de um desejo por colocar outra pessoa sob estado de tensão). Esse tipo de comportamento é freqüente durante as aulas de Educação Física, onde supostamente os corpos se encontram mais "livres" e em movimento.

[...] o comportamento agressivo surge como resultado de uma elaboração afetivo-cognitiva, fruto das experiências vivenciadas pelo indivíduo, que se torna motivadora de processos inconscientes capazes de atribuição de valores e ressignificação de conteúdos à realidade, originando condutas e sentimentos de ira que, uma vez estimulados, alimentam e sustentam a conduta agressiva, fugindo muitas vezes ao controle voluntário do indivíduo, por ter sido condicionado a utilizá-la como forma de resolução de conflitos e de satisfação dos seus desejos de realização pessoal. (CLEO FANTE, 2005, p.167)

Já no âmbito esportivo, podemos tomar como exemplo a manipulação, a violência e o comportamento agressivo estabelecido em diversas práticas esportivas que se dão desde relações entre os próprios atletas, passando pelos dirigentes, agenciadores e administradores esportivos, chegando até o público, os torcedores ou meros espectadores. Uma prática que melhor exemplifica é o futebol, que reúne um grande contingente não só dentro dos estádios, mas também fora deles.

Como foi citado anteriormente, essa tríade leva à opressão e pode ser percebida em rituais e cultos religiosos que, apesar de serem práticas relacionadas a dogmatismos, de certa forma, são doutrinas capazes de manipular e controlar um grande número de pessoas. Este artefato é usado há muitos anos, e vem crescendo a cada dia, pois a facilidade de se controlar e reprimir um corpo por meio dessas inúmeras doutrinas é extremamente usurpada atualmente.

Dentro dessa mesma perspectiva, podemos atrelar a influência de fatores políticos e econômicos, responsáveis por inúmeras manifestações de resistência tanto da parte dos opressores quanto dos oprimidos. Logo, ditaduras, lutas sociais e políticas, guerras civis, órgãos do Estado, embargamentos comerciais, instituições carcerárias e até educacionais se encaixam nesse perfil de castigos e violência corporal, peijas, confrontos homem a homem, represálias, desgaste físico, falta de liberdade de movimento e de controle e limitação gestual.

Perceber que a liberação do corpo, assim como as preocupações a seu respeito são de natureza histórica e não coisas naturais, ajuda na compreensão de que não basta liberar o corpo dos utilitarismos do mercado, de sua comercialização desenfreada, nem dos moralismos autoritários que ainda tem. (SANT'ANNA, 2000, p.86)

Por outro lado, a opressão não necessariamente significa subjugar ou alienar o corpo de maneira agressiva ou punitiva, mas também a supervalorização deste, dentro dos moldes que vivemos.

Isso porque existe uma linha limítrofe entre a opressão e a liberdade em relação ao corpo, ou seja, a valorização demasiada deste acaba sendo confundida, levando-se a uma inversão de valores. Nesse sentido, podemos ressaltar a influência das questões estéticas e da excessiva busca por um corpo socialmente aceito e aprovado, que é submetido a diversos sacrifícios para atingir tal objetivo. Tal questão é enfatizada a partir de Gonçalves (1994), que discorre sobre este tema e nos leva a entender que a verdadeira intenção de alguns desses movimentos é reduzir o corpo a

uma materialidade desvinculada de sua subjetividade, ou seja, apenas possui caráter manipulador.

Em suma, o que parece ser um corpo liberado, ou seja, livre para buscar suas preferências, acaba se tornando um corpo escravo não só das suas vontades particulares como também das que nos são impostas.

[...], quando as demandas por liberdade e prazer do corpo são questionadas historicamente, elas revelam o quanto ainda guardam do antigo receio de perda do controle do corpo: como se nenhum ímpeto juvenil conseguisse romper com a permanência da arcaica vontade de manter o corpo sob controle. (SANT'ANNA, 2000, p.85)

A partir dessas palavras e retomando a narrativa de Zeus podemos estabelecer uma ponte entre essa vontade de manter o corpo sob controle e o papel das Musas. As Musas Glória, Alegria, Festa, Dançarina, Alegria-coro, Amorosa, Hinária, Celeste e Belavoz, são deusas filhas de Zeus com a deusa Mnemósine (Memória) que foram concebidas a pedido dos deuses Olímpicos após a derrota dos Titãs, para que cantassem com pompa a grande vitória e deleitassem o espírito do senhor do Olimpo.

Assim sendo, as Musas representam a força das palavras que consagram o poder de Zeus com o intuito de tornar sempre presente na memória dos deuses e dos imortais os feitos alcançados pelo soberano do universo. "[...], as Musas dançam e cantam o poderio de Zeus, suas armas (o trovão e o raio), a vitória sobre seus predecessores pela qual conquista o poder, e a perfectiva ordenação do mundo [...]" (TORRANO, 2003, p.34). Nesse sentido percebemos que a linguagem é uma forte aliada no que se refere à dominação.

Capítulo IV: Pandora; beleza e sedução

Proponho neste capítulo uma abordagem partindo da figura de Pandora. Sendo assim, se fará indispensável uma retomada de sua narrativa.

Como vimos, Pandora é "um ser moldado em argila umedecida com água por Hefesto, a pedido de Zeus e segundo suas diretrizes [...]" (VERNANT, 2001, p.323), vindo a ser a primeira mulher mortal criada para atormentar a vida dos homens. Para tal, é presenteada com uma beleza exuberante, além de ser extremamente sedutora. Em contrapartida, é dona de uma aparência externa falsa e enganadora pois são postas em sua boca palavras mentirosas, repletas de cinismos e fingimentos além de um espírito terrivelmente execrável.

A figura de Pandora é o contra-exemplo ao qual Sponville (2003, p.405) se refere ao tentar conceituar o verbete mulher.

"Que as mulheres costumam ser menos violentas que os homens, que têm mais senso do concreto, da duração, do cotidiano (certa maneira, nas melhores delas, de ter os pés fincados na vida ou no real), que elas são mais bem dotadas para o amor e para a intimidade, menos propensas à pornografia e ao poder, é que muitas vezes parece verdadeiro, mas que, nos homens como nas mulheres, não ocorre sem numerosos contra-exemplos, que profhem de fazer dessas características uma lei ou uma essência".

Ainda enfatizando a idéia supra citada Pandora, através de seu discurso sedutor e faceirices consegue tudo o que deseja, ou seja, ela não só utiliza de sua beleza como artifício de persuasão e dominação. Vendo que ela foi feita à semelhança das deusas e que segundo Vernant (2001, p.326) é "uma maravilha cuja a atração mexe com os espectadores [...], não se pode olhar para ela sem se sentir imediatamente tomado por um estupor admirativo e por um impulso de desejo." Ela encanta aquele que se depara com sua presença, fazendo com que não veja nada além dela.

Diante de tais características, podemos discorrer a respeito da beleza como forma de dominação. Partindo-se do ponto de vista ainda de Vernant (2001, p.332), de que a aparência é uma manifestação direta fortemente ligada à identidade do indivíduo, podendo influenciar na sua

reputação, no seu estatuto social e na maneira como é avaliado publicamente, assim constituindo uma via de acesso para este.

Nesse contexto, o corpo é dotado de uma beleza incontestável, ou seja, que segue os padrões estéticos impostos pela sociedade, que mudam conforme a cultura e o período histórico, e consegue se colocar frente aos outros que não são tidos como belos, admiráveis. Um corpo belo e sedutor é cultuado e venerado como forma de ascensão social e, conseqüentemente, de realizações afetivas, profissionais e materiais. Em outras palavras, é a partir de uma aparência que se encaixa nos moldes estipulados por uma indústria cultural da beleza e da estética que se consegue status.

Todavia, essa questão não se restringe apenas ao universo feminino. Não é de hoje que os homens buscam tal qualidade ao seu favor para que, não só, imponham suas vontades frente aos outros como para enaltecerem seu semblante e seu ego. Um corpo masculino belo e sedutor é simultaneamente considerado exemplo de força, poder e dominação que, assim como Pandora, esplendorosa à semelhança das deusas, os deuses do Olimpo também são belos e possuem corpos esculturais e atléticos, que são o ponto chave do padrão masculino da atualidade.

Um bom exemplo são os corpos de atletas tidos como sinônimo de beleza, força, determinação e outras inúmeras qualidades que não só são admiradas por adultos, mas também por crianças que os vêem como heróis. Isso leva a outras questões sociais que permeiam esse assunto, abrindo caminho para outras reflexões e discussões.

A partir dessa idéia é possível estabelecer uma relação direta entre beleza e sedução com o conceito de vaidade dado por Sponville (2003, p.616) como sendo:

"[...] uma forma, particularmente ridícula, do amor-próprio. É o ser cheio do vazio de si: é glorificar-se do que se imagina ser, é admirar em si o que se imagina que os outros admiram [...], ou querer que eles admirem o que se admira em si mesmo."

A vaidade pode levar uma pessoa a acreditar em uma coisa que constantemente é irreal e produto da indústria cultural, voltada para o consumo de uma beleza que dificilmente será alcançada. Em outras palavras, a maneira pela qual o corpo, através dos sentidos e do entendimento, é presumido em relação à aparência, pode ser dado como artificial ou como uma imitação que muitas

vezes não revela a verdadeira essência, daquilo que é real.

Dessa maneira, podemos notar uma exacerbada valorização da aparência como forma prolongadora do corpo, que nada mais é do que um artefato para que este se apresente de forma amável aos olhos do outro. "A aparência torna-se causa e efeito da comunicação e, atrelada ao experimentar simultaneamente emoções, participar do mesmo ambiente, comungar os mesmos valores, atribui sentido a esse conjunto." (BRUHNS, 2000, p.95). A construção do indivíduo se dá a partir de um jogo feito de sedução e imagem atrelada às ações referentes à compra, à aquisição e ao consumo.

Para tal, existe um arsenal de fatores, já mencionados ao longo desse trabalho, que acabam construindo essa supervalorização tais como: a sexualidade, o prazer, as relações de poder, a violência, a opressão e a liberdade que são concebidos enraizados pelos paradigmas sócio-culturais. E é claro que a Educação Física atua nesse contexto de maneira significativa, pois ela não só segue tais paradigmas como também cria outros a serem seguidos e cultuados.

Capítulo V: Ulisses; tempo e linguagem

Como já citado anteriormente, Pandora, assim como as Musas, usa as palavras como forma de persuasão através de seu discurso sedutor. A fim de dar continuidade a esse enfoque do uso das palavras como forma de poder podemos associá-lo a Ulisses.

Prosseguindo, Ulisses é um dos heróis da Guerra de Tróia que teve de esperar por muitos anos e se defrontar com diversas aventuras antes de conseguir regressar à sua pátria, onde era o rei.

Ao recuperarmos a sua jornada descrita no início do trabalho, podemos averiguar que o mortal referido se caracteriza por ser um homem que conserva na memória a lembrança, a ânsia e o desejo da volta, do retorno. Dessa maneira, uma das questões que permeiam a narrativa de Ulisses é o fator tempo.

Conforme o tempo passava, Ulisses envelhecia e conseqüentemente perdia a aparência jovem e bela, mas mantinha o tônus e a força de outrora. Em contrapartida não permitia que suas lembranças, de seu lar, de sua esposa e de fatos do passado caíssem no esquecimento; perpetuava-as em sua memória, não as deixando desaparecer mesmo sendo aguçado para o contrário, ou seja, o tempo atuava no seu corpo externamente, transformando a estrutura visível do corpo humano.

Voltando ao enfoque desse capítulo, Ulisses é um homem de palavras hábeis. É astuto e curioso, quer ver, conhecer e experimentar tudo que o mundo pode lhe oferecer.

Como foi citado nos dizeres acima, Ulisses tinha um "dom" com as palavras, sabia usá-las de forma extremamente engenhosa e inteligente, assim como muitas pessoas públicas ou de influência fizeram e ainda fazem ao longo da nossa história.

Para tratar dessa relação entre palavra e poder, cabe-nos iniciar com algumas idéias de Torrano (2003, p.37) com base nos seus estudos sobre a obra de Hesíodo: "Os reis são operadores e colaboradores dos acontecimentos que se dão no cosmo, porque são Senhores da Palavra. O poder que têm das Palavras lhes dá o poder sobre acontecimentos sociais e cósmicos."

Nessa seqüência, verificamos que para se ter e se manter em ascensão não basta apenas ter uma força violenta ou uma aparência aceitável (tanto no sentido de poder como no de merecer ser), mas conseguir desenvolver uma habilidade através da fala, da palavra propriamente dita.

As palavras são ferramentas: pedaços de sentido e de irreal [...], para enunciar a insignificante ou insensata realidade. Trata-se de, por meio de um jogo construído de unidades discretas, recortar o real - *de quebrar o silêncio* - e, depois, como se puder, colar novamente seus pedaços. (SPONVILLE, 2003, p.436)

Seguindo portanto essa linha de raciocínio, podemos apontar a retórica (arte do discurso) e dialética (arte do diálogo e da controvérsia) como vias de persuasão para se impor, confundir e dominar o outro, sendo utilizadas como "armas" de manipulação e poder pelo meio de um jogo poético.

Em suma, para se impor é preciso se garantir da violência, da sedução e da persuasão.

Nesse contexto, Chauí (2005, p.148), ao discorrer sobre linguagem, a descreve como sendo uma forma humana de comunicação referente à vida social, política, dos pensamentos e das artes. E que Platão, a considerava um '*phármakon*', ou seja, a linguagem é considerada como sendo um remédio para o conhecimento; através do diálogo e da comunicação com outras pessoas podemos descobrir nossa ignorância e aprender, como um veneno; quando se usa da sedução e fascinação das palavras sem que se indague a veracidade destas ou como um cosmético; que dissimula ou oculta a verdade por meio das palavras.

Diante de tudo, podemos apontar que a linguagem não é uma abstração, mas sim, resultante não só da emissão de sons, vozes, mas também da influência dos gestos e das emoções, uma forma de expressão dos seres humanos.

Por conseguinte, a linguagem está fortemente relacionada à memória, ou seja, na fixação, na conservação e na recordação de situações, acontecimentos, impressões e sensações ocorridas em determinado momento no passado, constituindo o repertório cognitivo, motor e afetivo abarcando todos esses aspectos.

Uma dessas manifestações de linguagem bastante importante ao homem é a linguagem corporal. Com ela, assim como dito sobre a linguagem em geral ou as palavras, há a expressão de uma força, de um significado e de um papel social. A linguagem corporal é elemento de comunicação e de expressão do indivíduo em sociedade.

A Educação Física pode atentar para este papel, estudando a linguagem corporal. Atualmente, muitas abordagens simplistas têm ocupado esta tarefa, oferecendo manuais de interpretação dos gestos sem nenhum aprofundamento nas questões corporais, realizando associações banais e interesseiras. Estudar a linguagem corporal como elemento de comunicação e de expressão

é, de certo modo, mergulhar nesta complexidade do poder que Ulisses no faz lembrar, é construir uma analogia ao poder da palavra e da memória, ambiente no qual o tempo e o espaço se encontram na realidade material do corpo.

Capítulo VI: Dioniso; pitoresco e êxtase

Outra personagem que se vale da tríade, violência, sedução e persuasão, dada no capítulo anterior é Dioniso.

Dioniso é uma figura extremamente pitoresca, nenhum outro deus ou mortal possui traços tão singulares quanto ele. É um ser um tanto quanto excêntrico e cheio de extravagâncias, algo fora de seu lugar. Talvez por isso seja considerado um estrangeiro, o outro. Dentro desse contexto, para que se possa desenrolar algumas questões acerca do corpo, será necessário uma descrição mais detalhada dessa personalidade que é Dioniso.

Assim, partiremos das idéias de Vernant (2001), que o situam como sendo um deus à parte, filho de Zeus e de uma mortal, Sêmele. Dioniso é ao mesmo tempo terrível e gentil com os mortais. Isso porque transita entre extremos, ora lançando os mortais na loucura, na mácula e no crime e ora oferecendo-lhes a fuga do cotidiano, a alegria e a beatitude. Perante esse comportamento, oferece às mulheres que impelia a fugirem de suas casas, de suas famílias, de seus trabalhos o delírio estático e o transe coletivo, deixando-as entregues aos devaneios nas montanhas. Enquanto para os homens, não só oferece vinho e a embriaguez como também, o travestimento, o carnaval e a inversão das regras comuns de conduta.

Ainda baseando-se em Vernant (2001), Dioniso é considerado o patrono do teatro pois, por onde passa, devido a sua figura excêntrica, confunde as fronteiras entre o que é real e o que é ilusório, da mesma forma que ocorre no palco, onde a ficção aparece como se fosse verdade. A partir dessa visão, ele abole a distância responsável pela separação entre homens, deuses e animais, oferecendo para aqueles que o seguem, a volta a um estado de comunhão bem-aventurada entre todos os seres. Mas para aqueles que fazem pouco dele e o desdenham, leva a uma confusão caótica, jogando-os à selvageria.

Contudo, podemos considerar o corpo como protagonista de todas as ações que permeiam a figura e o culto de Dioniso e dizer que, mesmo transitando entre extremos, ele causa uma única

sensação, a de liberdade.

Dentro do contexto de Dioniso, vemos o corpo livre de amarras, de deveres e obrigações, fora do que, futilmente, chamamos de realidade e entregue a um êxtase. Ou seja, fora "de si e de tudo, para se fundir em outra coisa [...] - como um salto na transcendência ou no absoluto." (SPONVILLE, 2003, p.233), mas um corpo aberto para conhecer e experimentar novas sensações e possibilidades, enfim tudo que for possível ser oferecido neste sentido. Uma liberdade que pode transitar entre o pitoresco e o êxtase.

De acordo com Girard (1990) esse êxtase provocado por Dioniso faz desaparecer todas as diferenças entre deuses e homens, assim como velhos e jovens se misturam e homens e mulheres se encontram em pé de igualdade. Ainda segundo o mesmo, essas diferenças são percebidas no acompanhamento estético de uma festa, através da mistura de cores, no uso do travestimento e com a presença daqueles que consideramos loucos devido a suas vestimentas extravagantes e cheios de despropósitos.

Nesse sentido, podemos fazer uma analogia entre o culto e a festa, partindo-se do ponto de vista que ambas proporcionam uma sensação de regozijo. Por consequência, é possível notar, no exercício de tais práticas, que diversos encontros podem ocorrer sendo eles tolerados ou encorajados.

Tolerados uns pelos outros em razão de uma possível busca em comum, por uma pergunta ou resposta para suas inquietações e anseios. Um corpo tolera o corpo do outro, não necessariamente se respeitam mas ocupam o mesmo lugar frente a essas manifestações. Por outro lado, outros corpos ou mesmo os supra citados, são encorajados a experimentar um contato com um corpo desconhecido ou não.

Esse tipo de conduta acontece constantemente em nossa sociedade que é repleta de conectividade e de inter-relações, vindo a acontecer principalmente em ambientes que se caracterizam pelo enfoque ritualístico.

Para melhor exemplificar, podemos citar não só os ritos de cunho religioso e praxes de natureza/ordem social, mas os cultos modernos, se é que podem ser denominados dessa forma. Esses cultos decorrem de uma espécie de veneração e adoração demasiada ligada a uma pessoa ou a uma confluência de sensações, ou seja, do excesso de entusiasmo, que muitas vezes pode se tornar uma forma de alienação. Entendendo-se esta como "quando alguém se torna como um estranho (*alienus*) a si mesmo, quando não se pertence ou não mais se pertence, quando não mais se

compreende, não mais se controla, quando está despojado da sua essência ou da sua liberdade."(SPONVILLE, 2003, p.23)

Tais cultos são constituídos por uma espécie de amálgama de corpos, reunidos num transe coletivo e compartilhando do mesmo espaço. Corpos entregues ao mundo das sensações e das emoções de maneira intensa e prazerosa. Em outras palavras, o corpo livre de suas próprias contradições e limitações, integrado com a natureza e com o coletivo.

Diante dessas características o conceito de tempo e espaço são perfeitamente cabíveis. Tanto o ritual, a festa, o êxtase, o transe, o delírio e a embriaguez desnorream o sentido e a sensação de ambos.

Sucintamente, a intensidade de regozijo e a desorientação tempo-espacial podem gerar atitudes agressivas e de extrema violência. Ou seja, o excesso de liberdade é a causa e a consequência disso, visto que, o corpo é compreendido pelos seus limites, diferenças e individualidades.

Considerações Finais

Depois de discorrer a respeito de diversas situações nas quais corpo foi o ponto em comum, o eixo norteador que fez uma relação entre os mitos referentes à Mitologia Grega e questões que permeiam paradigmas sócio-culturais, podemos destacar que a temática proposta é uma dentre as diversas possibilidades que a Educação Física pode abordar.

Visto que, diferentemente do que pensam muitos leigos e até mesmo educadores físicos, a área não trata somente do corpo no seu sentido biológico, referente a toda a sua anatomia e às suas funções fisiológicas e bioquímicas, limitando-o a uma visão cientificista e mecanicista, caracterizando-o como um simples instrumento reprodutor de movimentos e funções vitais, mas percebe o corpo em toda a sua totalidade, complexidade e subjetividade. Ou seja, a concepção em torno da visão corporal envolve questões de caráter histórico por meio de práticas e relações sociais que transmutam em função do tempo e do espaço e que são responsáveis por inserir marcas e registros de uma realidade, de um mundo vivido que constrói o sentido de corpo.

Nesse sentido a Educação Física vê o corpo em todas as dimensões corpóreas dadas pelo entrelaçamento entre cultura e natureza. Em outras palavras, é uma fusão entre as ciências humanas e biológicas na qual o corpo é tido como objeto central de estudo. Assim, o tema Mitologia Grega se encaixou perfeitamente dentro dessa visão pois, como visto, conta com a presença marcante do corpo construído a partir de reflexões filosóficas pertinentes aos dias atuais.

É por meio da sexualidade, do prazer, das relações de poder, dos atos de violência, das formas de linguagem e das extravagâncias do ser humano que nosso corpo através dos sentidos e da sensibilidade que lhe é indissociável sente o mundo, se expressa, se comunica e cria.

Portanto cabe ao educador físico garantir essa ampla visão acerca do corpo para que por meio de condutas éticas exerça sua função de orientar, estimular e proporcionar experiências corporais influenciando seus alunos positivamente para que esses, durante toda a formação básica, reflitam sobre o corpo e seus diversos significados.

Referências

ALVAREZ, M.C. Foucault: corpo, poder e subjetividade. In: BRUHNS, H. T. ; GUTIERREZ, G. L. (Orgs). **O corpo e o lúdico: ciclo de debates lazer e motricidade**. Campinas: Autores Associados, 2000. p.67-77.

BRANDÃO, J. S. **Mitologia grega (1 vol.)**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

BROWNMILLER, S. **Against our will: Men, women, and rape**. New York: Simon and Schuster, 1975.

BRUHNS, H. T. O corpo contemporâneo. In: BRUHNS, H. T. ; GUTIERREZ, G. L. (Orgs). **O corpo e o lúdico: ciclo de debates lazer e motricidade**. Campinas: Autores Associados, 2000. p.89-102.

BULLOUGH, V. L. **Sexual variance in society and history**. Chicago: University of Chicago Press, 1976.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2005.

ELIADE, M. **Mito e Realidade**. 6. edição . São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.

FANTE C. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2. edição. Campinas, SP: Versus Editora, 2005

GIRARD, R. **A violência e o sagrado**. 2. edição. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1990.

GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. Campinas: Papirus, 1994.

HIGHWATER, J. **Mito e sexualidade**. São Paulo: Saraiva, 1992.

ROCHA, E. **O que é mito**. 9. edição. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SANT'ANNA, D. B. Corpo, ética e cultura. In: BRUHNS, H. T. ; GUTIERREZ, G. L. (Orgs). **O corpo e o lúdico: ciclo de debates lazer e motricidade**. Campinas: Autores Associados, 2000. p.79-88.

SANTIN, S. **Educação Física: Ética. Estética. Saúde**. Porto Alegre: Edições EST, 1995.

SISSA, G.; DETIENNE, M. **Os deuses da Grécia**. Lisboa: Editorial Presença, 1991.

SPONVILLE, A. C. **Dicionário filosófico**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TORRANO, J. **Teogonia: a origem dos deuses (Hesíodo)**. 5. edição. São Paulo: Iuminuras, 2003.

VERNANT, J. P. **O universo, os deuses, os homens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Entre mito e política**. São Paulo: Edusp, 2001.